



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Rafael Valladão

Saberes do corpo: capoeira, cultura corporal e educação

Rio de Janeiro

2012

Rafael Valladão

Saberes do corpo: capoeira, cultura corporal e educação



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Luís Torres Conduru

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V176 Valladão, Rafael.
Saberes do corpo : capoeira, cultura corporal e educação / Rafael
Valladão. – 2012.
83 f.

Orientador: Roberto Luís Torres Conduru.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Capoeira – Teses. 2. Imagem corporal – Teses. 3. Corpo –
Aspectos sociais – Teses. I. Conduru, Roberto Luís Torres.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.
III. Título.

nt

CDU 796.8:37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Rafael Valladão

Saberes do corpo: capoeira, cultura corporal e educação

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovado em 13 de agosto de 2012

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Roberto Luís Torres Conduru (Orientador)
Faculdade de Educação da UERJ

Profª. Drª. Mailsa Carla Passos
Faculdade de Educação da UERJ

Prof. Dr. Carlos Roberto de Carvalho
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Jorge Felipe Fonseca Moreira
Centro Universitário Augusto Motta, UNISUAM

Rio de Janeiro

2012

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a todos aqueles que apanharam, foram presos, escravizados, estuprados, torturados, mortos, e, ainda assim, de sua luta e resistência tornaram a capoeira patrimônio cultural brasileiro.

AGRADECIMENTOS

A minha família e, em especial, a minha mãe Marcia Rosa Romano que sempre me apoiou mesmo antes de iniciar o curso.

Aos meus amigos Mauricio Fidelis, Ana Beatriz Arruda, Cecilia de Oliveira, Carollyne Lage, João Perelli, Alexandre Munrha, Marcos Bárbaro, Marcio André (Mestre Linguíça) pelo apoio e reflexão crítica.

Ao meu professor Sergio Tavares, grande inspirador que me iniciou na pesquisa científica.

Ao meu professor e amigo Bruno Castro, que me deu a oportunidade de trabalhar e aprender junto com ele.

A minha namorada Milena Lima, pela paciência, presença segura e inspiração.

Ao meu filho Gabriel Valladão, razão primeira pela qual vivo.

A todos os capoeiristas e seus contramestres/mestrando que atenderam ao convite de participar da pesquisa.

E, por fim, ao meu orientador Roberto Conduru, sempre presente, competente e solícito às minhas dúvidas e inseguranças.

Da certeza!

...De tudo ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando...

A certeza de que precisamos continuar...

A certeza de que seremos interrompidos antes de terminar...

Portanto devemos:

Fazer da interrupção um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro...

Fernando Pessoa

RESUMO

VALLADÃO, Rafael. *Saberes do corpo: capoeira, cultura corporal e educação*. 2012. 83f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

A Capoeira é defesa, é ataque, é ginga de corpo, é malandragem, ação e reação, um jogo de xadrez, segundo alguns capoeiristas. Para uns, esporte, para outros dança, luta, briga, filosofia de vida. Mas há ainda os que a veem como um espetáculo acrobático de habilidades corporais propagado nos filmes, shows, jogos de vídeo game, eventos turísticos, acabando por criar determinados estereótipos corporais de beleza e desempenho físico. Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo descrever, analisar e interpretar a cultura corporal, assim como a percepção de capoeiristas em relação ao corpo na capoeira, e dos seus contramestres/mestrando, localizados em diferentes grupos de capoeira situados em diferentes instituições, tais como: Bloco de carnaval; Clube esportivo; Academia de ginástica. Parte-se do entendimento de cultura corporal enquanto expressão de uma cultura historicamente construída, acumulada, ressignificada e expressa pelos movimentos corporais que destaca traços marcantes de um determinado grupo, de uma determinada localidade. Neste caso, dos diferentes grupos de capoeira e de suas respectivas instituições. Qual a percepção dos capoeiristas em relação ao seu próprio corpo, ao corpo de seus colegas e de seu contramestre/mestrando de capoeira? O que esperam os capoeiristas aprenderem na capoeira? E para esses capoeiristas e seus contramestres/mestrando qual o principal objetivo ao se ensinar/aprender capoeira? Seria algo em torno de um aspecto mais tecnicista que visasse prioritariamente o desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas dos movimentos, floreios, esquivas? Ou também, aliado a estes aspectos, seria mais importante, para os capoeiristas, conhecer a história da capoeira, como esta veio ao longo do tempo se ressignificando e resistindo para ser hoje reconhecida como “um esporte verdadeiramente nacional”? Será que haveria aqueles que praticassem capoeira simplesmente para manter um padrão corporal estético propagado pela mídia e pela indústria da moda? A partir das observações, reflexões e interpretações das entrevistas chega-se a conclusão que de fato as instituições nas quais os grupos realizam suas práticas podem influenciar na filosofia de ensino/aprendizado destes. E que as percepções e interesses dos capoeiristas em relação ao próprio corpo variam pela busca de um melhor desempenho técnico, padrão de estética e pelo conhecimento histórico da capoeira, dos movimentos, golpes, esquivas e como estes vem ao longo do tempo se ressignificando.

Palavras-chave: Capoeira. Cultura corporal. Educação.

ABSTRACT

Capoeira is defense, attack, swing the body, trickery, action and reaction. It is a game of chess, according to some capoeira players. For some people it is a sport, for others it is a kind of dance, fight, philosophy of life. But there are still those people who see it as a show of acrobatic skills bodily propagated in movies, shows, video games, tourist events that just created certain body stereotypes of beauty and physical performance. In this sense, the research aimed to describe, analyze and interpret the physical culture, as well as the perception of capoeira players in relation to the body in capoeira, and their foremen and students, located in different capoeira groups situated in different institutions, such as Blocks of Carnival, Sports Clubs, and Fitness centers. It starts with the understanding of physical culture as an expression of a culture historically constructed, accumulated, with a new meaning and expressed by body movements that highlight hallmarks of a particular group in a specified locality, in this case, the different groups of capoeira and their respective institutions. What is the perception of capoeira players in relation to their own body, their colleagues' body, foreman's and students' bodies? What do capoeira players expect to learn in capoeira? And for those capoeira players and their foremen and students, what is the main objective of teaching or learning capoeira? Would it be something like a technical aspect that aims at prioritizing the development and improvement of technical movements, flourishes, elusive? Or also, allied to these aspects, would it be important, for the capoeira players, know the history of capoeira, as it came over time to new meaning and resisting to be recognized today as "a truly national sport"? Would there be those who practice capoeira simply to maintain a standard body aesthetic propagated by the media and the fashion industry? From the observations, reflections and interpretations of the interviews we come to the conclusion that in fact the institutions in which groups perform their practices may influence the philosophy of teaching / learning of these. And the perceptions and interests of capoeira players in relation to the body vary in the search for better technical performance, aesthetic standard and historical knowledge of capoeira, its movements, punches, dodges and how they come with their new meaning over time.

Keywords: Capoeira. Body culture. Education.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
	Marginais ou cidadãos: do crime ao direito à prática da capoeira ..	16
	Objetos da pesquisa	23
	O método	30
1	CULTURA CORPORAL E CAPOEIRA	34
	Valoração ou discriminação do corpo na capoeira	38
2	OS CAPOEIRISTAS, SUAS INSTITUIÇÕES E SEUS SABERES CORPORAIS	43
	Bloco de carnaval: grupo EC	45
	O aprendizado “mimético” no grupo EC	49
	Clube esportivo: grupo AM	55
	Academia de ginástica: grupo AC	67
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
	REFERÊNCIAS	79

INTRODUÇÃO

As diversas influências artísticas, culturais africanas trazidas pelos negros escravizados, em tempos de colonização e posteriormente no período imperial, entre tantas outras influências, foi fundamental para a construção de uma cultura corporal no Brasil. Estes negros, trazidos forçadamente pelos portugueses das terras africanas para serem escravizados e vendidos, viajaram para o Brasil nos navios negreiros, também chamados de tumbeiros, durante cerca de 40 dias e por mais de 300 anos. Mais de três milhões de africanos cruzaram o Atlântico, em precária situação, da África ao Brasil, (YAMASAKI et al., 2006; BUENO, s/a).

Para Anchieta (1995) e Lopes (1992), os primeiros escravos chegaram, ao Brasil, por volta de 1549, em São Vicente, atual Estado de São Paulo. No final do século XVIII, metade da população brasileira era de escravos. Nesse período, a Comissão de Educação da Assembléia Legislativa francesa, em 1792, conhecida como Relatório Condorcet, debatia a defesa de uma educação pública, universal, única e gratuita sob a batuta do ideal liberal, das revoluções burguesas de “Liberdade, igualdade e fraternidade.” (BOTO, 2003; PINSKY e PINSKY, 2003). Era uma iniciativa (ou uma tentativa) de democratização da educação. No entanto, este ideal de educação universal estaria longe de chegar ao Brasil para beneficiar os negros.

O liberalismo que norteava as revoluções burguesas (francesa, americana, inglesa) pregava que todos os homens foram criados iguais e dotados pelo Criador de direitos inalienáveis, como vida, liberdade e o de busca de felicidade. Os indivíduos são dotados de racionalidade, possuem um certo número de “direitos naturais”: vida, liberdade e bens. Porém, essa liberdade não condizia com as práticas sociais, uma vez que por muito tempo foi concedida levando-se em consideração o critério, excludente, de ser proprietário de terra.

A cidadania e a liberdade instituídas na Independência Americana (1766), por exemplo, e a Constituição estavam extremamente limitadas. Mulheres e brancos pobres não votavam. Da mesma forma, os ideais de liberdade conviviam com a instituição da escravidão que duraria até a Guerra de Secessão (1861-1865). No caso da França, não foi diferente. Apesar de a Revolução Francesa (1789) ter tido como apogeu a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, possuindo vários

artigos que tratam do Direito à Liberdade, o negro ainda era escravizado e os demais grupos sociais, como as mulheres e os pobres, excluídos no que diz respeito aos direitos conquistados (PINSKY e PINSKY, 2003).

O fato de se habitar uma cidade (de ser cidadão) não bastava mais ao homem. Os novos tempos exigiam que este passasse a ter também direitos nessa mesma cidade e não mais somente deveres. E, apesar de a noção de cidadania retomar a Grécia Clássica, é na era das revoluções que os direitos e deveres do homem ocorreram: os direitos civis no século XVIII; os direitos políticos, no século XIX; os direitos sociais, no século XX, segundo Pinsky e Pinsky (2003).

Uma sociedade justa, para os intelectuais do século XVIII, era aquela em que as leis e os direitos seriam “naturais”, ou seja, nasçam com o próprio homem. Considerando que todo homem nasce livre, começaram os questionamentos em relação à escravidão, se ela era legítima ou não. A partir das revoluções burguesas se iniciou uma onda de movimentos abolicionistas que foram progressivamente abolindo a escravidão pelo mundo, a começar pela Inglaterra. O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, com a assinatura da lei Áurea em 1888.

A abolição no Brasil, apesar de ter libertado os negros, não acabou com o preconceito racial, que segundo Munanga e Gomes (2006) caracteriza-se por um julgamento prévio de determinada etnia, grupo, religião ou de um indivíduo em relação ao outro apresentando inflexibilidade e sem considerar os fatos que o contestem. Muito menos fez o negro exercer plenamente seus direitos como cidadão. Ao contrário, tiveram suas muitas tradições culturais como a capoeira, por exemplo, perseguidas e criminalizadas.

Para Anchieta (1995), os cantos e batuques eram os responsáveis por transmitirem as informações culturais, religiosas, familiares dos africanos escravizados. Os movimentos realizados com o corpo, de danças, de luta e o sentimento das canções, tinham por finalidade deixar este legado. Esse batuque podia simbolizar o som da guerra, assim como um culto a um Orixá, ou mesmo representar os momentos de extrema tristeza ou de muita alegria. O batuque, que sempre apresentou inúmeras significações, tem sua marca mais forte dentro das religiões dos negros, e por conta disto foi perseguido pelo governo colonial, imperial e, posteriormente, pelo republicano.

A religião, atualmente, também constitui um grande marco da influência africana no corpo, uma vez que uma proporção considerável de pessoas que se

declararam negras, no Brasil, no censo do IBGE (2000), são praticantes do candomblé (22,8%) e da umbanda (16,7%). Apesar de nem todo negro ser praticante dessas religiões a quantidade é significativa.

Esse histórico de formação cultural de matriz africana ainda hoje é desvalorizado (ou ignorado?) pela sociedade, apesar de ter reconhecimento nacional e internacional, diverge com um outro histórico de hierarquização, discriminação racial e exclusão social. O racismo ganhou força com o advento do racismo científico, do século XIX. Este para Oliveira *apud* Müller (2008) caracterizou-se pela apropriação, por parte dos intelectuais brasileiros, das teorias europeias que consideravam a etnia como fator determinante do futuro da nação, e sua suposta inviabilidade, por motivo da significativa presença de negros. No sentido da hierarquização da raça, DaMatta (1983) cita o “racismo à brasileira”, e o que constitui o resíduo fundamental dessa elaboração ideológica, é uma lógica de relações pessoais que coloca o negro como débil e o branco como civilizador.

Apesar de, nas últimas décadas, ocorrer políticas de valorização das culturas africanas no país, desde o governo Fernando Henrique Cardoso até o governo Dilma Rousseff, atualmente, o preconceito, a discriminação, a tendência à marginalização das manifestações culturais de matriz africana, ainda se fazem presentes. A exemplo, pode-se citar o caso do menino, de 13 anos, que foi expulso da sala de aula, pela professora, e chamado de “filho do demônio” por usar no pescoço um colar típico das religiões de origem africana, em um Colégio da cidade do Rio de Janeiro (G1, 2009).

No contexto atual, também é comum, segundo Müller (2008), evitar nomear uma pessoa de preta ou negra, a não ser como forma de insulto. Ao invés disso, utiliza-se classificações raciais imprecisas como: “escuro”, “escurinho”, “moreno”, “café-com-leite”, etc. Além de tais classificações imprecisas também convencionou-se classificar todo negro, mulato e outros mestiços de pele negra ou escura de afrodescendentes ou afrobrasileiros.

A utilização do termo afrodescendente apesar de ser socialmente considerado politicamente correto, para Rocha (2010), ainda provoca acaloradas discussões. O autor descreve diferentes concepções ideológicas na utilização do termo, como forma de fortalecimento de identidade e discurso de manipulação política. A questão da formação da identidade se coaduna com a Conferência de Durban, em 2001,

pela Organização das Nações Unidas (ONU) ao qual se utilizou o termo e se reconheceu a situação vivenciada pelos negros descendentes de africanos.

Reconocemos que los afro descendientes han sido victimas de racismo, discriminación racial e esclavitud durante siglos, y de la negación histórica de muchos de SUS derechos (...) igualmente constatamos las consecuencias nefastas de la esclavitud que se encuentra en la raíz de las situaciones de profunda desigualdad social y económica de que son generalmente víctimas los afro descendientes. (FORO DE ONG'S apud ROCHA, 2010, p. 904)

A utilização dos termos preto, negro, afrodescendente e afrobrasileiro ainda causam certos desconfortos em indivíduos. Particularmente já presenciei inúmeras situações sobre essas questões. Na maioria dos casos percebi que as pessoas preferem substituir por termos, como “escuro” ou “escurinho” ao se referirem aos negros, talvez com receio de incorrer em preconceito.

Por outro lado a capoeira, que ainda não se sabe ao certo se é afrobrasileira (brasileira com descendência africana) ou afrodescendente (descendente de africanos) nunca foi tão valorizada na atualidade nacionalmente e internacionalmente, pelo cinema, pelos jogos virtuais, pela mídia, pela internet e pelo poder público federal brasileiro, que a reconheceu como patrimônio cultural¹.

Um jogo de vídeo-game, denominado “Tekken”, muito popular entre os jovens, criado pela Namco, empresa japonesa, conhecida pelo desenvolvimento de jogos virtuais, possui um personagem capoeirista, Eddy Gordo (Figura 1).

¹ Para mais detalhes sobre esse registro visitar o *site* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): <http://portal.iphan.gov.br>



Figura 1 – Imagem do jogo de vídeo-game “Tekken” com o personagem Eddy Gordo, que é um capoeirista.

Fonte: <http://www.mobygames.com/game/playstation/tekken-3/screenshots/gameShotId,164089/>

O personagem, no jogo, utiliza uma roupa na cor verde e amarela, provavelmente fazendo alusão às cores da bandeira brasileira e realiza movimentos e golpes próprios da capoeira, como a ginga, a armada, o martelo, entre outros. Na imagem acima, por exemplo, à esquerda, ele está realizando um floreio. Em uma rápida busca na internet, não foi difícil encontrar diversos perfis de Eddy Gordo, nos sites de relacionamentos como *Facebook* e *Orkut*, provavelmente criados por jogadores fãs, além de vários vídeos de cenas das lutas, do personagem no jogo, postados no site *You Tube*.

É necessário ressaltar que tal valorização da capoeira em jogos, filmes, internet pode estar contribuindo para a criação e legitimação de um estereótipo corporal do capoeirista de herói, dotado de um corpo habilidoso, com músculos hipertrofiados e nunca acima do peso. Considero tal “estereotipação” perniciososa para a capoeira uma vez que pretende isentar esta de críticas provocando um “endeusamento” de sua prática.

Os capítulos seguintes demonstram como há essa busca pelo “corpo em forma”, por parte de alguns capoeiristas entrevistados nesta pesquisa e como estes não vêem nenhum malefício, considerando as lesões corporais que o esporte pode proporcionar.

Mwewa e Vaz (2004) entendem que a maioria dos *sites* de grupos de capoeira reconhecidos nacionalmente são veículos da indústria cultural, promovendo uma globalização da capoeira, acarretando uma destilação dos “valores culturais” entregando-a às determinações do mercado em um discurso que pretende a subserviência. O que Mwewa e Vaz (2004) não descrevem é como estes *sites* se tornam veículos da indústria cultural, não definindo os parâmetros que usaram para fazer tal afirmação. É difícil encontrar, na atualidade, atividades esportivas e/ou culturais, de grande repercussão que estejam fora da lógica do mercado ou da indústria cultural, que tenha pretensões, verdadeiramente, não-lucrativas.

Oliveira (2003) cita um preconceito no âmbito acadêmico, com a publicação, na década de 1980, de um livro didático “História e Civilização: o Brasil imperial e republicano”, de Carlos Guilherme Mota e Adriana Lopez. Os autores desse livro apresentaram capoeiristas, sem maiores considerações, como sendo “bandos de marginais”, reproduzindo outros tipos de “estereotipações corporais”, porém preconceituosas.

Algumas medidas vêm sendo tomadas para acabar com esse quadro de exclusão no Brasil. A alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – nº 9.394/96 - para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" demonstra iniciativas governamentais para lidar com a situação. Pode-se destacar, também, o sistema de cotas para alunos negros na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), como medida afirmativa a fim de eliminar desigualdades sociais, historicamente construídas em tempos de escravidão. Segundo o *site* Programa de Política de Cor (s/d), além da UERJ, outras universidades brasileiras também adotam ações afirmativas².

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná; Universidade Estadual de Montes Claros; Universidade do Estado da Bahia; Universidade de Brasília; Universidade Estadual do Norte Fluminense; Universidade Federal do Acre; Universidade Federal de Alagoas; Universidade Estadual da Paraíba; Universidade Federal da Bahia; Universidade Federal de Goiás; Universidade Federal do Espírito Santo; Universidade do Estado de Minas Gerais; Universidade Federal do Maranhão; Universidade Federal do Pará; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal do Paraná; Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal do Piauí; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia; Universidade do Estado de Mato Grosso; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Estadual de Londrina; Universidade Federal de Santa Catarina; Universidade Federal de Juiz de Fora.

Marginais ou cidadãos: do crime ao direito à prática da capoeira

Desde as décadas finais do século XIX, e iniciais do século XX, já se podia observar uma certa organização entre os grupos de capoeiristas no Rio de Janeiro, que ficaram conhecidos como maltas. De acordo com Magalhães (2009) e Mello (2008), as maltas de maior destaque eram a dos Nagos, ligados ao partido conservador dos monarquistas, e a dos Guaiamuns, ao partido liberal dos republicanos.

Ocorria entre as maltas a disputa de territórios com fins políticos, entre monarquistas e conservadores, e utilizando-se da capoeira como arma, promoviam violência e desordem servindo aos mais diversos propósitos. Ou seja, os capoeiristas não eram tão marginalizados assim, na medida em que se articulavam aos grupos políticos. Os Guaiamuns controlavam a parte central da cidade do Rio de Janeiro, enquanto que os Nagos ocupavam a área periférica em torno do centro. Durante o período que precede a proclamação da República, por volta de 1888, surgiam entre as maltas de capoeira a Guarda Negra. Essa malta era uma organização que tinha por finalidade proteger a princesa Isabel e conter o avanço dos ideais republicanos. Estes militantes capoeiristas da Guarda Negra ficaram famosos pelas constantes batalhas travadas com as maltas dos Guaiamuns e a dos Nagos.

E há de se acrescentar que diversos historiadores questionam a suposta bondade da princesa e seu interesse espontâneo pela libertação dos escravos. Carvalho (2001) afirma que algumas das principais razões da assinatura da Lei Áurea, ao contrário da visão romanceada que se ensina na maioria das escolas brasileiras, foram as de que a escravidão já vinha produzindo limitações ao desenvolvimento da economia do país; haviam constantes atos de rebeldia por parte dos escravos, como fugas e formações de quilombos; além de pressão internacional de países que já haviam abolido a escravidão. A este respeito o mestre Toni Vargas, do Grupo Senzala de Capoeira, também compôs uma música/cantiga de capoeira:

Dona Isabel que história é essa

Dona Isabel que história é essa, de ter feito abolição...

De ser princesa boazinha, que libertou a escravidão...

Eu tô cansado de conversa, tô cansado de ilusão...

Abolição se fez com sangue, que inundava este país;

Que o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz;
 Abolição se fez bem antes, e ainda há por si, fazer agora...
 Com a verdade da favela, e não com a mentira da escola
 Dona Isabel chegou a hora, de se acabar com essa maldade;
 De se ensinar aos nossos filhos, o quanto custa a liberdade...
 Viva Zumbi nosso rei negro, que fez-se herói lá em Palmares...
 Viva a cultura desse povo, a liberdade verdadeira...
 Que já corria nos Quilombos, e já jogava capoeira
 lê viva Zumbi
 lê viva Zumbi camará
 lê rei de Palmares
 lê rei de Palmares camará
 lê libertador
 lê libertador camará...
 (música: Dona Isabel – composição: mestre Toni Vargas)
 Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=-6TeZY9UV0c>

O mestre ao final da cantiga também atribui a causa da abolição da escravatura a luta dos negros nos Quilombos, tendo como principal líder Zumbi dos Palmares. E também dá a entender (de forma bem subjetiva) que a capoeira foi umas de suas responsáveis: “A liberdade verdadeira que já corria nos Quilombos e já jogava capoeira...”. No entanto, apesar da luta dos escravos rebelados sabe-se que a abolição também teve motivações políticas e que mais tarde, como já citado, as maltas de capoeiras viriam servir a determinados propósitos políticos.

Mello (2002) entende que a questão política era apenas um dos propósitos para o qual as maltas serviam. O autor dá mais destaque a promoção da desordem e violência, por parte dos capoeiristas nas maltas, para disputa de territórios com maltas inimigas. Esse histórico de violência e luta contribuiu para inflamar a perseguição do governo republicano, tornando estes os principais alvos da repressão policial na época. Além da questão política, havia o respaldo científico, do período, para uma criminalização da capoeira, inclusive, nas teorias de Darwin, que indicavam uma suposta inferioridade biológica da raça negra (MELLO, 2002). Magalhães (2009) aponta a intenção republicana de marginalizar a cultura negra, proporcionada por um sistema de hierarquização de raças, que colocava o branco como intelectualmente superior aos negros e mestiços, que havia no país, porém disfarçado por um mito da democracia racial.

No Rio de Janeiro, além da capoeira, várias manifestações de matriz africana, como o candomblé e o samba, foram perseguidas pelas autoridades sob o

argumento de conter a doença moral que se expandia nas cidades civilizadas. Era este um discurso de princípios higienistas, de inspiração no racismo científico europeu, que pressupunha a inferioridade da raça negra. No caso da capoeira, para Mello (2002), havia o agravante pela ocorrência de badernas e desordens, além de andarem armados pelas ruas do Rio de Janeiro, munidos de facas ou outros instrumentos perfurantes, gerando o pânico, segundo Vassalo (2003).

O corpo do capoeirista era, nesse momento, marcado, pelo poder público, por símbolos de violência e resistência, sendo criminalizado por construções históricas, de preconceito e discriminação. Este tornava-se um “corpo-marginal”, entendido por Medina (2005) como um corpo oprimido por uma classe dominante e caracterizado por ter suas possibilidades existenciais despossuídas, seja elas de religião, de educação, de instrução, entre outras.

A capoeira acabou por ser oficialmente criminalizada com a publicação do Código Penal em 11 de outubro de 1890, estabelecendo um capítulo específico para tratar da questão: “Capítulo XIII - Dos Vadios e Capoeiras”. Os artigos 402 e 404 do mesmo capítulo esclarecem as consequências da prática da capoeira no período:

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal: Pena – de prisão cellular por dous a seis mezes. Paragrapho unico. E’ considerado circunstancia aggravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro. (...) Art. 404. Si nesses exercicios de capoeiragem perpetrar homicidio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor publico e particular, perturbar a ordem, a tranquillidade ou segurança publica, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas comminadas para taes crimes. (BRASIL, 1890, s/p)

Mello (2008), afirma ainda que o Bacharel Sampaio Ferraz, nomeado pelo presidente da República Marechal Deodoro da Fonseca para chefe de polícia, instalara uma onda de terror na perseguição de capoeiristas, fazendo cair o número de praticantes, chegando à quase extinção da capoeira no Rio de Janeiro.

Convém questionar se era justa, do ponto de vista legal/criminal, a criminalização da capoeira, aliada à marginalização do corpo do capoeirista, nesse período histórico. Se talvez não fossem os capoeiristas, do período, discriminados por grande parcela da sociedade, considerado subversivo. Ou se as maltas não eram um movimento de resistência à repressão republicana à manifestação das diversas culturas populares, de matriz africana, em solo brasileiro.

Sobre as maltas, Santos (2002) esclarece que sua formação, ao longo da história, era uma forma de sobrevivência e sublevação da ordem, pelo protesto e pelas condições de vida impostas. E destaca a participação das maltas na história brasileira:

(...) em defesa dos interesses nacionais, como no episódio dos amotinados irlandeses e alemães, Guerra do Paraguai (Companhia Zuavos Baianos/ Assalto ao Forte Curuzu), ou em defesa dos interesses políticos (Nagoas e Guaiamus/ formação da Guarda Negra), decorrentes das lutas abolicionistas e anti-republicanas, a partir do terceiro quarto do século XIX. (p. 25)

Na década de 1930, com o fim da Primeira República, Getúlio Vargas assumia o poder e iniciava um processo de valorização da cultura nacional, o que incluiria a descriminalização da capoeira, que tornaria sua prática um direito.

O corpo do capoeirista começava a ser ressignificado para além de uma visão de violência, criminalidade e corpo-marginal, por parte da sociedade. Mello (2002) descreve o início da “esportização” da capoeira, na década de 1930, sendo necessário “desafricanizá-la” dentro da ótica de valores aceitos pela classe dominante. E considerando o contexto político da época era preciso torna-la esporte, dentro de uma perspectiva de Educação Física Militarista segundo Ghiraldelli Júnior (2007), capaz de preparar os corpos para o combate em uma guerra, torná-los “fortes”, estimulando a coragem, o heroísmo, a disciplina exacerbada e a obediência cega. No fim, a movimentação política tinha o intuito de legitimar o Estado perante a população, visando a criação de uma identidade nacional, que se utilizaria da capoeira como um dos meios para esse fim.

O que ocorreu é que o Estado tinha interesse de construir uma nacionalidade a partir dos elementos culturais e tradicionais, formando as ideologias do Estado Novo. Assim sendo Getúlio utilizou-se dos vários mecanismos possíveis a fim de alcançar seu ideal (...) É justamente neste momento de tentativa política de militarizar a sociedade e moldar o novo homem, que começarão a surgir os interesses de valorizar o corpo como característica de um novo padrão de posturas. (SILVA, 2003, p. 87)

Neste contexto, entram em cena duas figuras fundamentais na história da capoeira: mestre Bimba, com a capoeira regional, e mestre Pastinha, com a capoeira angola. Mestre Bimba, fundador da capoeira regional, incorporando novos golpes e movimentos, proporcionou uma sistematização do ensino desta, tirando-a da rua e a levando para as academias brasileiras, com apoio do Estado Novo.

Para Silva (2003) a capoeira angola, de mestre Pastinha é considerada a capoeira tradicional, afro-brasileira, mais próxima aos valores quilombolas, onde os movimentos são realizados mais próximos ao chão. Para o autor, a capoeira angola veio primeiro com os escravos desde o tempo das colônias. Já a capoeira regional, distinta corporalmente da capoeira angola, remete ao modelo adestrador do corpo, de eficiência técnica, utilizando-se de floreios e golpes mais elaborados, de outras artes marciais. A sistematização do ensino da capoeira regional, por mestre Bimba, é considerada, por Silva (2003), uma apropriação do sistema capitalista por conter termos como “curso de capoeira”, “especialização”, “formatura”, “batizado”, “hierarquia” (p. 71 e 72). E o autor ainda reforça sua idéia, de que Bimba reformula os valores antes considerados de vadiagem e marginais, por parte da capoeira angola, com seu quadro de regulamentos:

1. Deixe de fumar. É proibido fumar durante os treinos.
2. Deixe de beber: o uso do álcool prejudica o metabolismo muscular.
3. Evite demonstrar aos seus amigos de fora da 'roda' de Capoeira os seus progressos. Lembre-se de que a surpresa é a melhor aliada numa luta.
4. Evite conversar durante o treino. Você está pagando o tempo que passa na academia; e observando os outros lutadores, aprenderá mais.
5. Procure gingar sempre.
6. Pratique diariamente os exercícios fundamentais.
7. Não tenha medo de se aproximar do oponente. Quando mais próximo se mantiver, melhor aprenderá.
8. Conserve o corpo relaxado.
9. É melhor apanhar na 'roda' que na 'rua'. (SILVA, 2003, p. 73)

Nos treinos que venho participando, sempre ocorre uma roda nos vinte minutos finais e alguns colegas tem o hábito de filmar esta para acompanharem seu progresso. Em conversas com um destes, pedi o arquivo do vídeo que ele havia filmado no celular. E ele de modo irreverente disse que não me passaria, pois “eu poderia vender o segredo dos treinos a outro grupo”. Obviamente ele me passou, mas é interessante observar que, depois de anos da elaboração do quadro de regulamentos de mestre Bimba, ainda há uma preocupação relacionado aos “amigos de fora da roda” e a “surpresa” ser “a melhor aliada numa luta”. Depois de feita esta brincadeira por parte do colega, o mestre reforçou que de fato é importante não divulgar nosso treinamento para outros capoeiristas.

No ano de 1932, Mestre Bimba fundou a primeira academia de capoeira da história: “Academia-Escola de Capoeira Regional”, localizada no bairro do Engenho Velho de Brotas, em Salvador, Bahia, segundo D'Oliveira e Pereira (2010). Para as autoras, a capoeira teria sido retirada da ilegalidade em 1934, mas Paiva (2007) discorda em relação à data, afirmando que ocorreu em 1937, por interesses

conjunturais de Vargas, estabelecendo normas e regras, como por exemplo, a de que esta deveria ser praticada em local fechado, dando ênfase ao caráter esportivo.

E foi através de um documento expedido pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública do Estado da Bahia, em 1937, que Mestre Bimba conseguiu uma autorização para ensinar capoeira no seu Centro de Cultura Física e capoeira regional da Bahia. A capoeira é retirada da ilegalidade e o mestre, em 23 de julho de 1953 (Figura 2), quando fez uma apresentação no palácio do Governo, para o então Presidente Getúlio Vargas, ouve do próprio presidente: “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional” (MELLO, 2002, p. 6).



Figura 2 – Getúlio Vargas e Mestre Bimba, em 23 de julho de 1953, no palácio do Governo.

Fonte: <http://www.capoeiraaxe.hpg.com.br/capoeiraregional.htm>. Fotografia: referência a este não encontrada.

A foto da Figura 2 representa bem o contexto da época em que Vargas, dando seguimento ao seu projeto de poder, retira a capoeira da ilegalidade. Na foto o presidente, com várias pessoas ao redor, no evento do Palácio do Governo, aperta a mão de Mestre Bimba, reconhecido como um dos principais representantes da capoeira. A imagem mostra um tipo de acordo, como se a luta marginalizada das ruas e o Governo brasileiro fizessem as pazes, após décadas de conflito, repressão, prisões e assassinatos.

No entanto, Magalhães (2009) considera que essa descriminalização não se deu pela importância cultural, “e sim pela forma que o governo encontrou de manter

um controle implícito sobre as massas populares” (p. 125), o que inclui os negros, a fim de evitar as revoltas.

Em 1941, Mestre Pastinha criaria na Bahia o Centro de Capoeira Angola. A partir de então, com as duas formas de se praticar capoeira – angola e regional – bem definidas, as próximas gerações de capoeiristas fundariam seus próprios grupos e academias.

Em sua pesquisa, Vassalo (2003) cita um depoimento de Mestre Pastinha, onde este reclama para si o mérito de ter “moralizado” a capoeira, de tê-la “tirado da lama”, “da rua” ao invés de Bimba. Sem ter a pretensão de aprofundar tal polêmica, muito menos resolvê-la, procurei destacar a importância de ambos os mestres para a descriminalização da capoeira e sua legalização, valorização e a sistematização de seu ensino.

A partir desse breve panorama histórico das ações empreendidas pelos dois mestres para uma ressignificação da capoeira e para a criação de dois novos estilos, convém questionar Levi (2005) sobre as trajetórias individuais: será mesmo que as “trajetórias individuais” (LEVI, 2005) de mestre Bimba e Pastinha, arraigadas em um contexto, não teriam agido ou modificado todo o universo da capoeira na primeira metade do século XX? Particularmente acredito que sim. E que a generalização de Levi (2005, p. 176) de que “as trajetórias individuais estão arraigadas em um contexto, mas não agem sobre ele, não o modificam”, a este respeito, não cabe para todo e qualquer indivíduo.

No caso específico da capoeira no período da descriminalização, pelo governo Vargas, e décadas seguintes haviam muitos mestres de capoeira que poderiam ter proporcionado este novo formato à capoeira como é conhecido até os dias atuais. Penso que se mestre Bimba e Pastinha não tivessem existido, considerando suas trajetórias individuais, de uma vida dedicada à capoeira, esta teria seu reconhecimento nacional e internacional, sendo praticada nas escolas, clubes, praças, instituições militares, espaços religiosos, além de diversos países pelo mundo, provavelmente o governo do Estado Novo teria forjado outras biografias de mestres para tal.

O contexto não se movimenta por si só, não é independente, não se encerra em si mesmo, mas ao contrário, depende de uma (ou várias) trajetórias individuais de pessoas dispostas a modificá-lo, transformá-lo, ressignificá-lo. Pessoas com suas biografias. Ou como prefere Bourdieu (2005), com suas ilusões biográficas.

Uma vez que sempre dependerão de outros fatores externos para se forjarem. No caso dos velhos mestres, o governo Vargas e seu contexto populista.

Objetos da pesquisa

Tendo em vista essas considerações iniciais, neste momento, faz-se necessário apresentar os objetos da pesquisa, assim como os conceitos dos autores pelos quais estes são expressos. Inicialmente deve-se atentar para a compreensão de movimento humano, de forma crítica (e não tecnicista), de como este foi forjado por determinada cultura, compreendendo o corpo não como um conjunto de ossos, músculos, sistemas, mas como um mediador, transformador, das relações sociais, que é uma das atribuições do estudo da cultura corporal, que junto à capoeira constituem-se nos objetos desta pesquisa. O comportamento, a forma de falar, andar, gesticular, olhar, correr, saltar, pular, pensar, do indivíduo, é determinado pelos limites impostos pela cultura, que, para Medina (2005), Soares et al (1992)³ e Daolio (2007), torna o corpo, cada vez mais, suporte de signos sociais, historicamente construídos e incorporados desde o nascimento e ao longo da vida.

Portanto, parte-se do entendimento de cultura corporal enquanto expressão de uma cultura historicamente construída, acumulada, ressignificada e expressa pelos movimentos corporais (BRASIL, 2000; DAOLIO, 2007; DARIDO, 2003; SOARES et al, 1992) que destaca traços marcantes de um determinado grupo, de uma determinada localidade. No caso específico da pesquisa, dos diferentes grupos de capoeira e de suas respectivas instituições: bloco de carnaval, clube esportivo e academia de ginástica.

A cultura corporal constitui-se pelo conjunto de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade e manifestados pela expressão corporal. É um conjunto de inúmeras representações transformadas ao longo do tempo, ressignificando as suas intencionalidades e formas de expressão através do corpo. É uma parte da cultura, sendo definida numa relação dialética, com a intenção de apontar o campo das produções humanas vinculadas às práticas corporais e suas representações simbólicas (BRASIL, 2000; RANGEL et al, 2005).

³ Também são citados em outras literaturas como Coletivo de Autores.

Rangel et al (2005), aponta algumas críticas ao conceito de cultura corporal, como a de que: há outras manifestações culturais humanas que não sejam relacionadas ao corpo nem ao movimento? E que a cultura corporal poderia ser considerada um pleonasma se analisada de forma breve e de maneira semântica, pois se não há cultura sem corpo, talvez se poderia denominar essa área do conhecimento simplesmente por cultura. Porém, a resolução desse problema é dado pelos mesmos autores considerando a especificidade de se estudar a cultura no que concerne ao corpo humano e ao movimento humano.

Os autores apontam outras definições para cultura corporal, tais como: cultura corporal de movimento, Cultura Física, cultura de movimento, cultura motora. No entanto esta pesquisa adotará o termo cultura corporal, utilizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física, que determinam que esta é um campo de atuação da Educação Física (BRASIL, 2000). E apesar de ser classificada como Ciência da Saúde, para Oliveira (1994), Educação Física é Educação, e deveria ser incluída, nos Centros de Ciências Humanas e Sociais das Universidades a que pertencem. Convém ressaltar que, no caso da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Educação Física está inserida no Centro de Educação e Humanidades.

Kunz (2004), no entanto, critica um dos mais clássicos conceitos de cultura corporal, formulado por Soares et al (1992), ao colocar este como uma forma de reforçar o dualismo cartesiano. Em uma de suas principais obras: "Transformações didático-pedagógicas do esporte", o autor evidencia essa sua crítica, de forma objetiva, e, apesar de extensa, considero importante reproduzi-la literalmente:

Notem que os autores utilizam-se do conceito de "Cultura Corporal" para definir uma "área de conhecimentos" específicos da Educação Física. O interessante é que isto pode significar que esses autores estejam reforçando o velho dualismo de corpo e mente, muito discutido no contexto da Educação Física. Porém, com toda certeza esses autores sabem que, pela concepção dualista de homem, se existe uma cultura humana que é apenas corporal, devem existir outras que não o são, que devem ser então mentais ou espirituais e, certamente, não incluiriam a cultura corporal do jogo, do esporte, da ginástica e da dança como cultura "corporal" na concepção dualista. Embora esse conceito de "cultura corporal" esteja sendo utilizado por muitos teóricos da Educação Física e Esportes, parece-me destinado apenas a reforçar uma cultura desenvolvida pela via do movimento humano. É, de qualquer forma, um conceito tautológico, uma vez que não pode existir nenhuma atividade culturalmente produzida pelo homem que não seja corporal. O homem como um "*ser-no-mundo*" é sempre a presença de um corpo fenomenológico, na concepção de Merleau-Ponty (1966). Nesse conceito de corpo o pensar é tão corporal como o correr, não podendo, então, haver essa distinção como muitos pretendem mostrar, ou seja, que atividades lúdicas como o jogo tenham de pertencer à chamada "cultura corporal" e a leitura tenha de pertencer à "cultura intelectual". (KUNZ, 2004, p. 19-20)

Rangel et al (2005), esclarece que no âmbito da cultura corporal deve-se considerar a especificidade de se estudar a cultura no que concerne ao corpo humano e ao movimento humano. E Kunz (2004) parece concordar com Rangel (2005) quando afirma: “(...) parece-me destinado apenas a reforçar uma cultura desenvolvida pela via do movimento humano”, pois utiliza o termo “cultura corporal de movimento” em diversos trechos de sua obra para designar o mesmo conceito, já exposto.

Apesar da ruptura ocorrida na década de 1980, com esse pensamento dualista, para um entendimento da cultura na Educação Física, no que concerne ao corpo e ao movimento humano em sua totalidade, hoje ainda percebemos resquícios discriminatórios do passado. Por mais que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física e diversos autores contemporâneos recomendem uma prática pedagógica voltada para o desenvolvimento da cultura corporal, através dos jogos populares, dos esportes, das lutas, das danças, da capoeira, ainda se pode observar a valorização da técnica esportiva e da competição exacerbada, assim como o esporte espetáculo. Entretanto, sem relegar a importância das demais, é com a capoeira, enquanto objeto de estudo, que esta pesquisa irá se preocupar.

Em entrevista ao jornal APM, em 1984, Mestre Sena formula opiniões um tanto quanto polêmicas em relação a diferenciação de capoeira angola e capoeira regional, e sobre origem da capoeira.

Embora até mesmo muitos envolvidos com a Capoeira não o saibam, o nome de Capoeira Regional nasceu antes do nome 'Capoeira de Angola'. O nome Regional foi dado por Mestre Bimba que, no seu raciocínio entendeu que, tendo ele dado uma dinâmica nova, como a criação de um método de ensino, a formatura de alunos, o uso de um traje para eventos comemorativos, a criação de novos movimentos, tirando a Capoeira das ruas e das esquinas para as salas, deveria caracterizar o seu trabalho como 'Capoeira Regional Baiana'. Já o Mestre Pastinha, contrapondo-se a Mestre Bimba na adjetivação, batizou a Capoeira com o nome de 'Capoeira de Angola'. E aí foi que muita gente se enganou, pensando que em Angola existe Capoeira. O que não é verdade. (SENA, 1984, p. 57 e 58)

Neste trecho da entrevista, Sena (1984) discorda de grande parte dos autores que consideram a capoeira angola, de mestre Pastinha, como a ortodoxa, tradicional, ligada aos valores quilombolas, como já citado, afirmando ser a capoeira regional a que surgiu primeiro, por mestre Bimba. De fato a fundação da academia de mestre Bimba – em 1932 - ocorreu primeiro que a de mestre Pastinha - em 1941. O que não significa necessariamente que uma capoeira tenha surgido primeiro que a

outra. Cabe questionar os parâmetros utilizados por ambos os autores que defendem uma e outra, uma vez que não haviam fotografias, máquinas filmadoras ou registros de outra natureza confiáveis que demonstrassem as peculiaridades dos movimentos corporais da capoeira, anteriores ao século XX. O repórter após sua resposta sobre as capoeiras regional e angola questiona:

Vamos então esclarecer esta dúvida. Há muito professor ensinando por aí que a Capoeira nasceu na África. E há autores famosos que espalham esta versão. Afinal, a Capoeira é originária da África ou da Bahia? (SENA, 1984, p. 57 e 58)

E o mestre Sena (1984) responde:

Muitos se equivocam ao dar à Capoeira, como terra de origem, a África. O certo é dizermos que a Capoeira foi criada por africanos, mas já em solo brasileiro, no período colonial. Tudo é criado em termos de defesa pessoal, já que sofriam variadas perseguições. Sem dúvida que os escravos trouxeram de sua terra um sistema de movimentação corpórea – batuque – que ofereceria as bases de adestramento e possibilidades físicas. A partir desse dado cultural, aperfeiçoado na imitação dos animais encontrados em nossas matas (macaco, onça, raposa e aranha), e aguçado pelo instinto de defesa, sobrevivência e resistência entre as capturas, o negro fez brotar a Capoeira. (SENA, 1984, p. 57 e 58)

Apesar de ser defendida em muitos livros, artigos, dissertações, teses e aulas de capoeira, por acadêmicos e capoeiristas e/ou capoeiristas acadêmicos, a idéia de que a capoeira é originária da África ou do Brasil, ou ainda de negros trazidos da África para serem escravizados e que a forjaram no Brasil, não passa de hipótese. Portanto, a resposta acima incorre no mesmo erro já descrito. E é importante ressaltar que não há parâmetros fidedignos, nem evidências de qualquer natureza para fazer tal afirmação.

Silva (2008b) entende este fato quando expõe suas aspirações pessoais a respeito da origem da capoeira. O autor não faz afirmações ou negações, ao contrário, levanta a hipótese da origem brasileira como muitos partidários dessa opinião:

Alguns acham que ela (a capoeira) nasceu na África e foi transportada para o Brasil, enquanto outros acreditam que ela se desenvolveu durante e após a escravidão pelos escravos africanos e seus descendentes afro-brasileiros. Acredito que ela tenha uma origem brasileira porque nós não encontramos nada, nem remotamente, que tenha um desenvolvimento e uma estrutura similar nas outras áreas do oeste africano onde a escravidão era comum. Embora haja similaridade entre música africana, religião, costumes, alimentação e dança nessas áreas, a capoeira é singular e a única que apareceu inicialmente no Nordeste brasileiro. (p. 27)

Para Santos (2009), o próprio termo capoeira em suas origens etimológicas é passível de confusões e sentidos dúbios no que se refere ao seu significado através do tempo. Para o autor o termo é encontrado pela primeira vez em 1712, com significados de origem portuguesa, relativos a cestos, gaiolas ou locais para guardar aves. Cascão (2010) concordando com Santos (2009) afirma que o termo capoeira, pode ainda ser encontrado na atualidade, tanto no Brasil como na África para designar gaiola onde se alojam aves domésticas.

Já Soares (1994) entende que a versão mais conhecida da origem do termo “capoeira” é a que se refere ao significado de mato, vegetação rala, roça abandonada. De acordo com o autor, falava-se muito do negro que fugia e ‘meteu-se na capoeira’, ou seja, no mato. A capoeira estaria, portando, relacionada ao mundo rural, dos negros que fugiam para os quilombos. É somente no ano de 1875 que o termo é encontrado na língua tupi-guarani para designar um tipo específico de mato, segundo Santos (2009). Para Areias (1989) o nome “capoeira” foi cunhado, pois eram onde os escravos fugidos se entrincheiravam e exerciam seus treinos. Na escrita do próprio autor:

Ao mesmo tempo, referindo-se às táticas de combate, os comandantes recomendavam aos soldados ‘terem o máximo de cuidado com as emboscadas e ataques de surpresa desferidos pelos negros, usando esse estranho jogo de corpo, vindos de repente do interior das capoeiras’. Daí, deduzo ter o nome do mato servido para a denominação da luta. (AREIAS, 1989, p. 17)

No entanto, a respeito das origens do nome capoeira angola, por exemplo, o autor não faz um discurso afirmativo. Ao contrário, levanta uma hipótese:

Quanto ao seu sobrenome – ‘Angola’ – acredito ter sido incorporado, devido à crença de senhores, autoridades, historiadores e africanistas de serem de Angola os primeiros negros a chegarem ao Brasil e, entre os que aqui se encontravam, serem eles em maior quantidade, bem como de serem os negros de Angola os que mais se davam a esse tipo de prática e brincadeiras ‘indecorosas’, sendo considerados de índole festiva e rebelde. (AREIAS, 1989, p. 17 e 18)

Areias (1989, p.18) também corrobora com Sena (1984) na opinião de que os golpes da capoeira são inspirados nos movimentos dos animais. E cita exemplos comparando que os ataques e defesas de tais animais muito se assemelham com o jogo de ataque e defesa na capoeira: “das *marradas*, quem sabe, pode ter surgido a mortal *cabeçada*”; “dos *coices* de cavalo, bois e outros animais, pode ter surgido a *chapa* ou *esporão*”; “da forma de ataque da arraia, do teiú ou do jacaré, que girando os corpos tentam atingir o adversário com a cauda, pode ter surgido o *rabo-de-*

arraia, ou *meia-lua-de-compasso*”; “dos pulos e botes dos animais, podem ter surgido os saltos da capoeira, como o *salto do macaco*, o *pulo do gato* e o *aú*”; “e das pernadas e calços, nas horas de brincadeiras e correria, pode ter surgido a *rasteira*”.

A capoeira na concepção de Areias (1989, p. 8) é entendida como: “música, poesia, festa, brincadeira, diversão e, acima de tudo uma forma de luta, manifestação e expressão do povo, do oprimido e do homem em geral”.

Nestor Capoeira (2010) vê o corpo na capoeira, de forma poética, como promotor de um diálogo sem palavras:

Percebem que à sua frente não está mais o amigo, ou companheiro de treinos, mas, sim, uma charada que pode propor enigmas imprevisíveis e perigosos no diálogo que vai se seguir. Diálogo não de palavras, mas de movimentos: movimentos de estudo, de ataque, defesa, de enganar... perguntas e respostas na misteriosa linguagem da capoeira” (p. 19)

A música foi encontrada em todas as rodas de capoeira por mim visitadas. Em todos os grupos pesquisados foi possível observar/ouvir os participantes entoando cânticos, com rimas que de fato se assemelham à poesia. A brincadeira e a diversão, também corroboram com a descrição do autor nos grupos pesquisados. Dificilmente um capoeirista caía no chão após ter sofrido um golpe do outro, na roda, sem um sorriso no rosto. No Grupo ao qual me tornei integrante, AM, é comum escutar cantigas que reforcem a identidade do praticante com a capoeira:

“Sou capoeira de manha, sou capoeira a tardinha, sou capoeira anoitecendo, sou capoeira noite e dia.” (Grupo AM – clube esportivo)

Há também as cantigas que retomam um passado onde ocorria a associação da capoeira com a malandragem, quando esta foi estigmatizada como “coisa de malandro” (BRUHNS, 2000, p. 140):

“Capoeira, é defesa ataque, é ginga de corpo é malandragem.” (Grupo AM – clube esportivo)

Nesse caso a cultura corporal, na primeira metade do século XX, no Rio de Janeiro, dos capoeiristas e malandros, muitas vezes se confundia. O malandro com

seu chapéu e terno branco, camisa vermelha ou com listras brancas e vermelhas, seu modo corporal, sua agilidade, seu gingado ao andar, sambar e lutar compartilhavam de um mesmo “jeito de corpo” específico, ou seja, um andar gingado e uma agilidade, segundo Bruhns (2000), com o capoeiristas. Não necessariamente todo capoeirista era um malandro, ou vice-versa. Mas a sociedade carioca condicionou-se a rotular ambos dessa forma no período.

Silva (2008a) defende a idéia de que o inconsciente coletivo ainda acredita que os praticantes de capoeira são violentos e marginais. E questiona, em tom de protesto, se hoje em dia conhecemos algum marginal capoeirista. Sou obrigado a discordar de Silva (2008a), pelo menos em parte, considerando as respostas das minhas entrevistas com os capoeiristas. A maioria respondeu não se sentir discriminado por praticar a capoeira. Alguns responderam sofrer preconceitos de ordem religiosa, mas nenhum por serem considerados marginais violentos. No capítulo seguinte abordo tais questões.

O corpo do africano escravizado, no Brasil, representava a resistência sociocultural destes, segundo Munanga e Gomes (2006) pela religiosidade, pela dança, pela luta, para construção da identidade. E para estes autores a capoeira é um modelo desse processo de resistência demonstrando há séculos sua presença com caráter aglutinador com uma função lúdico-corporal.

A capoeira independentemente de sua origem também possui uma cultura corporal própria, apesar de se diversificar no que concerne aos diferentes grupos, localizados pelo país, considerando também as instituições em que atuam. No caso desta pesquisa os grupos foram selecionados, através de meus contatos pessoais, visitados, observados e entrevistados como descrevo no item a seguir. A escolha dos objetos da pesquisa se deu baseado em minha formação em Educação Física, que tem, entre outros objetos de estudo, a cultura corporal. E a capoeira por minha afeição pessoal ao que alguns chamam de esporte, outros de luta, briga, dança ou filosofia de vida.

O método

A pesquisa é de natureza etnográfica e descritiva, com observação participante. Através desta abordagem tive como objetivo descrever, analisar e interpretar a cultura corporal, assim como a percepção de capoeiristas em relação ao corpo na capoeira, e dos seus contramestres - ou mestrandos, dependendo da classificação específica de cada grupo - localizados em diferentes grupos de capoeira situados em diferentes instituições, tais como:

- 1) Bloco de carnaval – grupo EC;
- 2) Clube esportivo – grupo AM;
- 3) Academia de ginástica grupo AC.

Julguei conveniente não revelar os nomes dos grupos e de seus participantes a fim de preservar suas identidades, evitar constrangimentos de qualquer natureza ou problemas de ordem judicial. Neste sentido os grupos foram nomeados por duas letras e seus participantes apresentados por idade, sexo e/ou graduação na capoeira.

A este respeito Mattos (2001) esclarece os conceitos da pesquisa etnográfica:

Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos. Por exemplo: uma vila, uma escola, um hospital, etc. (...) A etnografia estuda preponderantemente os padrões mais previsíveis do pensamento e comportamento humanos manifestos em sua rotina diária; estuda ainda os fatos e/ou eventos menos previsíveis ou manifestados particularmente em determinado contexto interativo entre as pessoas ou grupos. (p. 2)

Também foram analisadas as diferentes (ou não) práticas educativas e objetivos educacionais e as influências que as instituições, nos quais os grupos estão localizados, exercem sobre estes. Participaram deste estudo todos os capoeiristas dos três grupos supracitados interessados em responder ao questionário proposto pelo autor.

O primeiro grupo de capoeira pesquisado foi o EC, tendo suas atividades realizadas em uma quadra de um bloco de carnaval. Foi utilizado um roteiro de entrevista, com questões estruturadas que, de acordo com Darido (2003), leva o entrevistado a falar mais do que o pesquisador, apesar de ser, o segundo, o

orientador do diálogo. Esse método permite ao pesquisador repetir, reformular ou formular outras questões, no momento da entrevista, que ele considere pertinente, caso algumas perguntas não tenham sido respondidas de maneira satisfatória ou com clareza pelo entrevistado, por má compreensão ou por circunstâncias momentâneas, como timidez, ansiedade, não entendimento da questão, entre outros fatores.

As questões do questionário foram organizadas em quatro blocos:

- 1) Perguntas para todos: foram realizadas as mesmas perguntas abertas, tanto para contramestre como para os alunos;
- 2) Perguntas específicas para os alunos e perguntas específicas para contramestre: foram realizadas perguntas abertas e distintas para o contramestre e para os alunos sobre suas percepções do corpo na capoeira;
- 3) Perguntas sobre práticas educativas: foram realizadas perguntas abertas, e apenas uma fechada, distintas para o contramestre e para os alunos sobre o ensino da capoeira;
- 4) Perguntas livres: foram realizadas perguntas abertas, elaboradas no momento da entrevista, tanto para os alunos, como para contramestre.

As entrevistas estruturadas, prevendo a elaboração de perguntas extras no momento da entrevistas foram realizadas em dois dias, com observação das duas aulas por parte do pesquisador. Estas foram gravadas em dois aparelhos de *MP3* e uma filmadora digital e posteriormente foram transcritas para análise e interpretação das respostas obtidas.

A primeira entrevista, no primeiro dia, foi realizada com o contramestre do grupo EC, antes de começar a aula, e durou vinte e um minutos. Após conceder a entrevista, o contramestre iniciou sua aula e informou que pediria aos alunos para que também concedessem entrevistas durante o período de aula. Após o término da aula, nesse primeiro dia, marquei com o contramestre um segundo dia para continuar as entrevista e este, gentilmente, aquiesceu.

No segundo dia ocorreu a mesma dinâmica: à medida que o contramestre ministrava a aula de capoeira, os alunos, vinham ao meu encontro para concederem as entrevistas, que variavam entre nove e quinze minutos.

Tal dinâmica também foi utilizada nos grupos localizados no clube esportivo (grupo AM) e na academia de ginástica (grupo AC). Considerando a boa experiência que obtive com o primeiro grupo visitado – grupo EC – entendo que este procedimento facilitou minhas observações e a realização das entrevistas nos demais grupos.

Neste sentido, no primeiro capítulo realizo uma discussão sobre os conceitos de cultura corporal, surgidos na década de 1980 com a redemocratização no Brasil após o período de ditadura militar. Estas concepções de corpo viriam para combater o tecnicismo presente no esporte, na Educação Física e, conseqüentemente, na capoeira na época. Neste primeiro capítulo também discorro sobre o paradoxo entre valorização/discriminação da capoeira nos tempos atuais. Como esta vem sendo divulgada através da mídia, do cinema, da internet, criando seus próprios estereótipos e, por vezes, se tornando mais um produto da indústria cultural. Mas por outro lado também acaba se tornando uma filosofia de vida para muitos capoeiristas, considerando todo um universo presente nesta, com suas muitas possibilidades educativas de ensino/aprendizado miméticos, ressignificando-se a todo o momento.

No segundo capítulo apresento minhas experiências, análises, observações e conclusões das entrevistas, treinos e visitas realizadas junto aos grupos de capoeira. Qual a percepção dos capoeiristas em relação ao seu próprio corpo, ao corpo de seus colegas e de seu contramestre/mestrando de capoeira? O que esperam os capoeiristas aprenderem na capoeira? E para esses capoeiristas e seus contramestres/mestrandos qual o principal objetivo ao se ensinar/aprender capoeira? Seria algo em torno de um aspecto mais tecnicista que visasse prioritariamente o desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas dos movimentos, floreios, esquivas? Ou também, aliado a estes aspectos, seria mais importante, para os capoeiristas, conhecer a história da capoeira, como esta veio ao longo do tempo se ressignificando e resistindo para ser hoje reconhecida como “um esporte verdadeiramente nacional”? Será que haveria aqueles que praticassem capoeira simplesmente para manter um padrão corporal estético propagado pela mídia e pela indústria da moda?

O fato destes grupos realizarem seus treinos de capoeira e demais atividades em diferentes instituições – bloco de carnaval, clube esportivo e academia de ginástica – me fez questionar se essas instituições não estariam influenciando na

filosofia de ensino/aprendizado destes grupos em questão. Estas e outras perguntas tento responder, junto com os 20 capoeiristas entrevistados nos capítulos a seguir.

1 CULTURA CORPORAL E CAPOEIRA



Figura 3 – Praticantes de capoeira.

Fonte: <http://marahman.wordpress.com/2008/08/28/kesasaan-dan-kemachoan/>

A imagem (Figura 3) retrata dois homens praticando a capoeira em uma praia. O primeiro, no canto esquerdo da imagem, parece tentar um chute em seu oponente, enquanto o segundo executa um floreio, não menos ofensivo. Suas calças brancas, com as cordas amarradas na cintura, os movimentos bem elaborados que seus corpos estão realizando dão a impressão de se estar observando capoeiristas experientes.

O céu ao fundo, com as disposições das nuvens e a luz que emana entre elas, denota um endeusamento do corpo dos capoeiristas, criando uma perspectiva de observação de divindades superiores. E conseqüentemente proporciona certa valorização da prática da capoeira, contribuindo para a criação de estereótipos em diferentes contextos, já mencionados. A posição em que a foto foi tirada – de baixo para cima – também oferece uma perspectiva de superioridade do corpo desses capoeiristas. Talvez não tenha sido essa a intenção do fotógrafo, mas, para mim, as habilidades do corpo, expressas pelos movimentos na imagem, são colocadas em evidências, parecem flutuar, sendo divinamente exaltadas.

Convém questionar se o corpo de um capoeirista iniciante, que não soubesse realizar um floreio como este, ou um chute que exigisse um certo grau apurado de flexibilidade não merecesse o mesmo grau de endeusamento, valorização, exaltação que os capoeiristas da imagem. Por muito tempo, na Educação Física, a resposta para essa pergunta seria algo parecido com: “não, pois o rendimento esportivo, a performance, a aptidão física, devem ser colocados em primeiro plano”, em contraste com as concepções de cultura corporal surgidas na década de 1980. Em suas origens no Brasil foi, por um espaço de tempo, norteadas por algumas tendências, segundo Ghiraldelli Júnior (2007).

A tendência higienista, considerada produto do pensamento liberal do final do século XIX e início do XX, retomava, de certa forma, o lema: “mente sã em corpo sã” do filósofo Heráclito. A idéia central dessa tendência era de disseminação de padrões de conduta forjados pelas elites dirigentes entre todas as outras classes sociais, onde o indivíduo deveria “adquirir saúde”.

Outra tendência que predominou no Brasil entre o início da Era Vargas (1930) e final da Segunda Grande Guerra (1945) foi a tendência militarista da Educação Física. Neste período, Soares et al (1992), aponta o auge da militarização da Educação Física na escola (GUIRALDELLI JÚNIOR, 2007) empreendida pela ditadura do Estado Novo. Ignorando toda e qualquer relação sociocultural, essa militarização tinha a única e exclusiva função de preparar o cidadão para a guerra. Nesse período a prática da Educação Física era extremamente discriminatória. Os mais valorizados eram os mais preparados fisicamente para o combate.

Mas, para Magalhães (2009), a descriminalização não se deu pela importância cultural, “e sim pela forma que o governo encontrou de manter um controle implícito sobre as massas populares” (p. 125), o que inclui os negros, afim de evitar revoltas. Melo (2002) aponta que essa esportização da capoeira serviu para inseri-la dentro da ótica de valores aceitos pela classe dominante da época, sendo necessário a sua “desafricanização” enquanto movimento de resistência, do negro ao colonizador. A capoeira, naquele momento, seria mais um esporte com o objetivo de formar o “cidadão-soldado”, capaz de obedecer cegamente e de servir de exemplo para o restante da juventude atendendo aos interesses do Estado Novo.

A tendência que mais se aproxima da concepção atual de cultura corporal seria a pedagógica, que perdurou do final da Segunda Guerra Mundial 1945 até o golpe de 1964. Seu objetivo primordial era o de forjar um tipo de “sistema nacional

de Educação Física”, promovendo a educação do brasileiro, respeitando suas especificidades culturais, físico-morfológicas, psicológicas. Era a tendência que iria reclamar a Educação Física não somente como uma prática para promoção de saúde, por padrões pré-estabelecidos ou de disciplinar pessoas para obedecer ordens. Era o levante, o advogar por uma prática prioritariamente educativa.

No entanto, o golpe de 1964 viria retomar o autoritarismo de um regime ditatorial do passado, criando a tendência competitivista, valorizando o tecnicismo da superação de resultados, recordes e pódios e o esporte espetáculo. Esta tendência estava a serviço da elitização social e hierarquização. Propagada pelo governo militar aliou-se, ao pensamento positivista, utilizado para justificar seus métodos, provocando, inclusive, a limitação da pesquisa de caráter filosófico na Educação Física, tornando esta um instrumento das ideologias das classes dominantes (CASTRO, 2005). Desenvolvem-se assim o treinamento desportivo, os estudos da Fisiologia do Esforço e biomecânica com intuito de melhorar a técnica desportiva. A dimensão sociocultural é esquecida para dar lugar à busca da performance esportiva, tratando o corpo como uma máquina.

Esse conceito moderno de corpo-máquina, de "homem biológico", limitando o corpo ao prisma das ciências naturais e cerceando o entendimento da dimensão sociocultural, deve-se, em parte, à compreensão de René Descartes (1637), na separação do corpo da mente. Este compara o corpo à máquina e os órgãos às peças.

O que não parecerá de maneira alguma estranho a quem, sabendo quão diversos *autômatos*, ou máquinas móveis, a indústria dos homens pode produzir, sem aplicar nisso senão pouquíssimas peças, em comparação à grande quantidade de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes existentes no corpo de cada animal, considerará esse corpo uma máquina que, tendo sido feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente mais bem organizada e capaz de movimentos mais admiráveis do que qualquer uma das que possam ser criadas pelos homens. (DESCARTES, 1637, p. 31)

Descartes ignora a dimensão sociocultural, em que os corpos são, historicamente, forjados para elaborar tal conceito. Retira o corpo de seu ambiente de coexistência para tentar interpretá-lo seguindo regras necessárias para chegar ao conhecimento verdadeiro através da razão. Fato que sabemos hoje não ser possível.

Sabemos hoje claramente que o procedimento tradicional de retirar um corpo de seu ambiente de coexistência, interná-lo em um laboratório, submetê-lo a dissecações e

vivisseções, pensando que com isso se possa surpreender, no íntimo dessa interioridade, aquilo que faz desse corpo algo vívido - como se a vida fosse propriedade privada do organismo individual - dista muito de ser satisfatório para o entendimento de animais, de plantas e até de microorganismos. Com muitíssimo menor razão podemos continuar a admiti-lo como procedimento que pretenda conhecer o corpo humano. (RODRIGUES apud ALBUQUERQUE, 2006, p.1)

Para Santos (1995), esse modelo de racionalidade preside a ciência moderna desde a revolução científica no século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes, basicamente, pelas ciências naturais e é classificada, por este, como paradigma dominante. Este paradigma cria fronteiras em relação a outros tipos de conhecimentos e os classifica, segundo o autor, como formas de conhecimento não científico, que são: os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos. O que provavelmente também incluiria a cultura corporal.

Entretanto este paradigma dominante está em crise profunda, por condições sociais e teóricas. O grande abalo se deu com o pensamento de Albert Einstein em relação à relatividade e simultaneidade. Einstein demonstrou que a simultaneidade de acontecimentos distantes uns dos outros, não pode ser medida, muito menos definida. As definições são, portanto, arbitrárias. Não havendo simultaneidade os espaços absolutos de Newton deixam caem por terra, tornando-se relativos. E que o rigor matemático das ciências naturais carece de fundamento, pois não podem mais ser concebidos como naturais e óbvios.

Tendo em vista tal crise, Santos (1995) aponta para o surgimento de um novo paradigma para as ciências, o paradigma emergente. Este seria fruto das contradições do atual paradigma dominante, demonstrados pelas novas teorias e pela reflexão de diversos cientistas em relação a sua prática científica, nos finais do século XX, antes contaminada pelo positivismo comteano.

Depois da euforia cientista do século XIX e da conseqüente aversão à reflexão filosófica, bem simbolizada pelo positivismo, chegávamos a finais do século XX possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios. A segunda faceta desta reflexão é que ela abrange questões que antes eram deixadas aos sociólogos. A análise das condições sociais, dos contextos culturais, dos modelos organizacionais da investigação científica, antes acantonada no campo separado e estanque da sociologia da ciência, passou a ocupar papel de relevo na reflexão epistemológica. (SANTOS, 1995, p. 30)

No caso da Educação Física, Marinho (2005) e Soares et al (1992) apontam uma ruptura com esses valores racionalistas com que as ciências (não só a Educação Física) eram norteadas. E que para Castro (2005) muito interessava ao

governo militar o fortalecimento de uma burocracia tecnocrática, de fundamentação positivista, para o sistema repressor que impunham.

Marinho (2005) descreve que na década de 1980, período próximo à redemocratização do país, foi incorporada uma pedagogia do conflito, fundada em valores marxistas de contestação do *status quo* vigente. Era a fragmentação da unilateralidade, da linearidade, da terminalidade, da lógica formal em si, para dar lugar aos princípios da lógica dialética, de totalidade, de movimento, de mudança qualitativa, de contradição, de ressignificação.

Soares et al (1992), corroborando, de certa forma, com Marinho (2005) cita o surgimento, nas décadas de 1970 e 1980, de movimentos “renovadores” na Educação Física, como a psicomotricidade, psicocinética, uma Educação Física humanista e a cultura corporal. A tendência atual corroborando com a opinião da maioria dos autores recomenda a prática de uma Educação Física mais voltada para a concepção de cultura corporal, respeitando o contexto sociocultural no qual os alunos estejam inseridos para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem.

Valoração ou discriminação do corpo na capoeira

Apesar da tendência nacional, e mundial, em promover uma valorização da capoeira na atualidade, Barbieri (1993) adverte para o fato de haver a predominância da perseguição sobre a consideração e o reconhecimento, em um contexto histórico. O mesmo autor, concordando com Santos (2002), afirma que a trajetória dos capoeiristas foi mesclada por momentos de enaltecimento de suas práticas, por serviços prestados à Nação, e de perseguição exacerbada por parte do governo, sendo vítimas de castigos corporais, prisões e trabalhos forçados, por serem considerados nocivos à sociedade.

Lopes (2002) se refere à capoeira como patrimônio cultural do mundo e cita o interesse estrangeiro por esta, ao analisar a proposta de uma universidade norte-americana em microfilmar todo seu acervo de documentos, livros, artigos sobre capoeira, oferecendo uma cópia à Biblioteca Nacional e demais bibliotecas interessadas. Além do interesse acadêmico estrangeiro, também é possível observar o interesse cinematográfico hollywoodiano pela capoeira em filmes como: “Desafio Mortal”, protagonizado e dirigido por Jean-Claude Van Damme, em 1996, e “Esporte Sangrento”, de 1993, dirigido por Sheldon Lettich, com Mark Dacascos como

protagonista. No primeiro filme citado, a capoeira aparece como coadjuvante em um torneio de artes marciais, interpretada por um ator não muito conhecido. No segundo, acaba sendo enaltecida do início ao fim do filme, por um professor, interpretado por Dacascos, que ensina seus movimentos aliado a alguns valores aos jovens de uma escola.

O cinema nacional, mais que o estrangeiro, também é um importante veículo de divulgação e valorização da capoeira. Entre tantos, pode-se citar os filmes: “Madame Satã”, gravado em 2002, tendo Lázaro Ramos como protagonista, e o recente “Besouro”, de 2009.

Nestor Capoeira (2010) vê um problema na relação da capoeira através dos filmes. O autor considera que os novos alunos virão com idéias estereotipadas e que os professores de capoeira acabariam se adaptando a essa nova demanda, descaracterizando os movimentos do jogo. Essas novas idéias, que Capoeira (2010) chama de “moda”, quando termina o produto original – a capoeira – também acaba sendo descartado.

Um dos capoeiristas por mim entrevistados, por exemplo, relatou que o motivo de ter começado a praticar capoeira foi o filme “Esporte Sangrento”.

O que motivou a eu começar foi um filme, chamado esporte sangrento... que tem já há muitos anos atrás, e eu assisti aquele filme e falei “caraca, quero fazer esse negócio...” entendeu? (Um capoeirista de 30 anos do grupo AM)

Assistindo ao filme “Esporte Sangrento” acabo tendo que concordar com Nestor Capoeira (2010) nesta questão. Em boa parte do filme os capoeiristas executam os floreios – saltos acrobáticos diversos – demonstrando grande habilidade técnica semelhante aos atletas de ginástica olímpica. São os floreios que impressionam, que chamam atenção das pessoas, que despertam interesse pela capoeira. Porém, para a maioria dos mestres, capoeiristas e literaturas que tive contato são o que menos importam no universo da capoeira. Há um cantiga de capoeira que diz:

“Capoeira é defesa, ataque, é ginga de corpo, é malandragem”

Defesa e ataque, ação e reação, um jogo de xadrez segundo alguns capoeiristas que conversei, e não simplesmente um show de acrobacias. Alguns mestres, por terem movimentos já limitados pela idade ou simplesmente por não terem interesse, não executam mais floreios quando estão em uma roda de capoeira. Mas não deixam de ter seu prestígio por isso. Um novo aluno influenciado por estereótipos corporais de um filme como este, provavelmente não veria tanta credibilidade neste mestre.

Entre os documentários estão: “Mestre Pastinha - Uma vida pela capoeira” dirigido por Antonio Carlos Muricy, em 1998, e o mais recente “Mestre Bimba - A Capoeira iluminada”, dirigido por Luiz Fernando Goulart, em 2007, ambos contando a trajetória dos dois mestres.

Além do cinema, a internet e os jogos eletrônicos também se constituem como divulgadores da capoeira na atualidade. Mwewa e Vaz (2004) citam um universo de mais de dez mil (10.000) *sites*, por eles pesquisados, que veiculam informações a respeito da capoeira. Recentemente foi implementado por um *site* de relacionamento - o *Orkut* – um jogo de luta virtual, o *Capoeira Fighter 2*⁴, onde os oponentes são capoeiristas.

No entanto, essa valorização da capoeira na *internet* é vista de forma negativa, por Mwewa e Vaz (2004), citando os *sites* de grupos reconhecidos nacionalmente como veículos da indústria cultural, de atualização de uma reificação, antes utilizada para catequizar-nos, e de uma globalização da capoeira. Os autores citam, também, como exemplo, frases pretensamente filosóficas em alguns *sites* que atrelam o sucesso ao sofrimento, e argumentam que é difícil não vincular essa leitura aos mecanismos de conformação, na miséria dos subalternos, colocados pelas forças de poder e ao aprisionamento da subjetividade. Mwewa e Vaz (2004), citando Adorno (2002), apontam a capoeira como fenômeno cultural que, na destilação dos “valores culturais”, se entrega às determinações do mercado. Segundo os mesmos autores, há poucos trabalhos que se dedicam a tratar a relação entre a capoeira contemporânea e os processos da indústria cultural.

Mas apesar de entenderem a capoeira como mecanismo pelo qual a indústria cultural vem se apropriando, os autores também observam a valorização do corpo, percebendo este como um artefato privilegiado e concreto:

⁴Link do jogo na internet: <http://www.ejogodahora.com/capoeira-fighter-2-104.html>.

A capoeira como manifestação cultural entende o corpo como artefato privilegiado de sua realização. Portanto, a roda de capoeira é o *locus* por excelência da exaltação à magnitude e/ou limite gestual do capoeira; o corpo é a possibilidade de exteriorizar esta condição. Falar do corpo na capoeira é falar da sua concretude. O tema do corpo se configura como importante objeto de reflexão na contemporaneidade (...) (MWEWA e VAZ, 2004, p. 6-7)

E, citando Falcão (1999), os autores prosseguem em seu texto pontuando a capoeira como um universo de signos, símbolos e linguagem que, através dos movimentos corporais, intrigam e encantam, sendo para eles um *trailer* da realidade social que expressa um contexto. E apesar de não estar imune à apropriação do mercado, o corpo na capoeira “consolida um mosaico capaz de fascinar pela riqueza gestual e ritualística e, ao mesmo tempo, provocar temor pela imponência e imprevisibilidade das manobras de seus atores/ sujeitos” (p. 2).

Esta dicotomia entre fascinação e temor, citada por Falcão (1999), pode ser observada na resposta do contramestre, do grupo EC, quando perguntado se os movimentos que o corpo dele realiza na capoeira são valorizados, enaltecidos ou discriminados, criminalizados. O contramestre contou que os floreios, os movimentos acrobáticos são vistos pelo leigo como algo maravilhoso, bonito, lindo. Mas se o jogo fica um pouco mais “apertado”, mais “duro”, as pernadas mais rápidas e próximas umas das outras, as pessoas entendem que pode ser uma violência, uma agressão.

Areias (1989), autor de “O que é Capoeira”, descreve, em seu próprio livro, a experiência vivida por seu corpo na iniciação à capoeira:

Foi sentindo a confiança, a segurança, o carinho e o apoio do meu mestre Luís Medicina e o respeito e admiração mútua dos meus colegas iniciantes que pela primeira vez me senti integrado e integrando um grupo. Foi a partir do apoio e da força do mestre Suassuna, que me mostrava a cada momento a capacidade e o potencial do meu corpo, que pela primeira vez acreditei em mim. E foi sentindo a ginga, o movimento, a música, o ritmo, a história, a festa, a energia e o poder de atração que pela primeira vez me senti sendo e existindo. (AREIAS, 1989, p. 82)

A necessidade de ser e existir, citada pelo autor, pode estar atrelada a uma necessidade de pertencimento a um grupo cultural e/ou de construção de sua identidade. De uma forma ou de outra, para Areias (1989), a capoeira foi de fundamental importância para que seu corpo, enquanto sujeito e não objeto descobrisse suas potencialidades através da dinâmica do jogo. Para que fosse valorizado.

Silva (2008b), ou Mestre Pavão como é conhecido na capoeira, entende que a destruição de documentação sobre a escravidão no Brasil somente adiou o reconhecimento de parte da história brasileira, pois os relatos sobre os negros (citando Rugendas, Debret, Câmara Cascudo, entre outros) “somados à resistência, através da manutenção da cultura afro-brasileira nos corpos dos brasileiros, demonstram a possibilidade de compreendermos cada vez melhor nosso passado e reconhecermos as contribuições dos múltiplos grupos que fizeram nossa história” (p. 15).

Importante perceber a concomitância da afirmação de Silva (2008b) com os conceitos de cultura corporal, uma vez que este coloca o corpo como o principal transmissor da história da capoeira através do tempo, através de seus *saberes corporais*.

“Queimaram a documentação escrita, porém não puderam queimar os saberes corporais, impressos no Novo Mundo. Isso é fundamental para o resgate da memória da já constituída nação brasileira” (p. 18)

O autor cita ainda a dança dos Orixás como exemplo da “força da mimese” presente nos terreiros de candomblé:

Oxum, em que as movimentações dos ombros e braços representam as ondas do mar ou das águas; a dança de Oxóssi, que em uma de suas representações, se utiliza de elementos miméticos em relação aos movimentos do cavalo ou da zebra, e em uma segunda dança, desse mesmo orixá, imita-se uma caçada; ou a dança de Ogum, que simboliza uma batalha. (p. 60)

Mestre Pavão considera a mimese como um dos principais transmissores de conhecimento do mundo natural. O autor entende que esta transmissão de conhecimento constituiu um vasto repertório de saberes corporais dos povos da África, não somente na capoeira, mas também nas danças e religiões. E que as danças dos povos da África, em sua origem, já traziam em suas estruturas a mimese que provavelmente, foi incorporada no processo de criação dos fundamentos básicos da capoeira. E novos processos miméticos deram seguimento a novas movimentações na capoeira e assim sucessivamente.

2 OS CAPOEIRISTAS, SUAS INSTITUIÇÕES E SEUS SABERES CORPORAIS

*“A capoeira, desde sempre, se faz no corpo que faz capoeira”
(SILVA, 2008b, p.70)*

No roteiro de entrevistas há questões que podem levar o entrevistado a fazer, de certa forma, uma autobiografia, como: Há quanto tempo você pratica Capoeira? O que te motivou a começar a praticar? Fez sempre nesse grupo? Já passou por outros grupos? Quantos? Quais? O que mudou no seu corpo depois que você entrou para a Capoeira? Em sua opinião, como as pessoas vêem os praticantes de Capoeira?

Neste sentido, antes de adentrar o universo dos grupos, capoeiristas e seus corpos, julgo conveniente analisar algumas respostas, das entrevistas transcritas, dessas autobiografias geradas e pensar algumas questões utilizando os textos de Pierre Bourdieu - *A ilusão biográfica* - e de Giovanni Levi - *Usos da biografia*.

Pude perceber nas entrevistas que alguns dos capoeiristas ao responderem as questões sobre seu corpo e sua trajetória na capoeira acabavam por se tornarem “ideólogos de suas próprias vidas”, buscando dar sentido a esta, tornar razoável, lógica, coerente, como afirma Bourdieu (2005).

“O que te motivou a começar a praticar?”

Eu quis sair do caminho das drogas, certo? Isso me fez conhecer uma galera lá no Ceará. Eu tava vendo muitas coisas que estava acontecendo no mundo todo: morte, vício... não isso não é para minha vida, vou praticar um esporte que vai ser melhor para mim.” (Um capoeirista de 19 anos)

A fala do capoeirista demonstra ainda a visão “romanceada” de esporte como redentor das doenças, dos vícios e malefícios em geral à saúde. Com certeza este ignora os casos de *doping*, hipercompetitividade, *bullying*, vigorexia, treinamento excessivo e todas as mazelas que o esporte esconde atrás de sua capa de vigor e

saúde. Os atletas de alto rendimento são os que possuem seu sistema imunológico mais abalado e sujeito a doenças de diversas naturezas por estarem sempre atingindo os limites de suas capacidades físicas.

Não quero com isso afirmar que a capoeira é um meio onde os praticantes estariam sujeitos às drogas ou submetidos aos casos acima expostos. Mas sim que esta não é uma solução para estes mesmos casos por si só, como pensa o jovem capoeirista que atribui o seu desvencilhar das drogas, simplesmente, a sua adesão à capoeira.

O jovem reforça este argumento em outro trecho da entrevista:

Você costuma ser criticado ou elogiado por fazer Capoeira? Quais são as críticas ou elogios? Quem te critica e/ou elogia?

Todo mundo me criticava quando eu não trabalhava (risos). Falavam que eu dava valor mais a Capoeira do que ao trabalho. Não é o caso, na Capoeira as vezes eu também ganho. Se não fosse a Capoeira eu não estaria aí pra contar história. Meus amigos que eu andava tudo já morreram por causa do tráfico. Agora eu só tenho elogios mesmo: minha mãe, meu contramestre, alguns outros mestres.

Ao falar das críticas que recebia por valorizar mais a capoeira do que o trabalho, o jovem argumenta que “*se não fosse a Capoeira eu não estaria aí pra contar história*”, reforçando neste e em diversos trechos da entrevista a redenção promovida pela capoeira em sua vida. É interessante notar como este capoeirista fala da capoeira como importante para sua vida. Como se de fato esta seja a redentora de tudo que este jovem considera ruim para si. Penso que a capoeira em si não se encerra numa solução para livrar ninguém dos vícios das drogas ou participação no tráfico destas. Mas que o convívio com os outros alunos do grupo de capoeira, com o contramestre o tenham feito abandonar alguns conceitos nesse sentido.

Parafraseando Levi (2005), em seu questionamento: como os capoeiristas se definem (conscientemente ou não) em relação ao grupo?

Durante este período de minha pesquisa, além dos grupos pesquisados tenho frequentado diversos eventos de capoeira, como apresentações, rodas de mês de outros grupos, rodas de danças populares onde há um momento destinando a

capoeira, ou que predominantemente contenham capoeiristas como rodas de jongo, samba de roda do recôncavo baiano⁵, etc. Por ser novo nesse meio, e por ter me tornado capoeirista com o início do mestrado, geralmente sou apresentado por amigos capoeiristas mais antigos como aluno do mestre L do grupo CB. Grupo este que me tornei integrante, deixando o AM por motivos diversos.

Percebi então que a minha participação, a do jovem anteriormente citado e de diversos capoeiristas em seus grupos, assim como sua graduação (instrutor, professor, contramestre, mestre), seus apelidos de capoeira, que normalmente são dados pelos mestres e estes próprios mestres são uma das “formas oficiais” de apresentar sua autobiografia de capoeirista, como a carteira de identidade, o *curriculum vitae*, ficha de estado civil, etc, como pretende Bourdieu (2005). Também ganhei um apelido, neste novo grupo do qual tornei integrante, que curiosamente é o meu sobrenome: Valladão. O apelido para Yahn (2010), quando a capoeira era considerada crime, era uma forma do capoeirista não ser identificado/reconhecido pela polícia por seu nome próprio.

É interessante notar também que a questão de ser um mestrando em educação pela UERJ, professor de Educação Física, ou ter qualquer outra “forma oficial” de identificação, parece pouco importar no universo da capoeira ao qual venho frequentando.

Bloco de carnaval: grupo EC

Tendo suas aulas realizadas em uma quadra de um bloco de carnaval, no bairro de Bangu, na cidade do Rio de Janeiro, o grupo EC já possui pouco mais de dez anos de existência.

O referido bloco de carnaval, que o grupo está situado, já possui mais de 40 anos de existência e alguns integrantes contaram que já passaram por ele intérpretes das escolas de samba do grupo especial. Este bloco atualmente disputa o carnaval em sua categoria (grupo) e é um dos mais antigos blocos a disputar o carnaval.

⁵ Para mais detalhes sobre essas manifestações visitar o *site* do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): <http://portal.iphan.gov.br>

Nos parágrafos que se seguem apresento os resultados e experiências vividas por mim, junto ao grupo EC, e as percepções dos capoeiristas entrevistados sobre suas práticas na capoeira e sobre o ensino desta.

Stéphane Malysse (2007), antropólogo francês, realizou uma pesquisa etnográfica sobre a corpolatria no Rio de Janeiro que revelam algumas questões referentes à cultura corporal. Peculiaridades desse corpo, estudado pelo antropólogo, se coadunam com as aspirações e interpretações dos jovens do grupo EC, sobre seu corpo. Dos 5 jovens pesquisados (três jovens homens e duas jovens mulheres), além de seu contramestre e de seu instrutor, todos fizeram alguma referência a um tipo padrão de corpo, seja de emagrecimento, de aquisição de flexibilidade, “muscularidade” (SABINO, 2007) ou de “definição do corpo”, no sentido de aquisição de massa corporal, que a capoeira viria a proporcionar.

Um jovem capoeirista do sexo masculino, de 14 anos, me contou que a motivação para começar a praticar capoeira foi à busca pelo emagrecimento. E que recebe diversos elogios por ter emagrecido. No sexo feminino, duas jovens, sendo uma de 23 e outra de 15 anos, destacaram o emagrecimento como uma das principais mudanças no seu corpo após iniciar a prática.

Meus colegas, minha mãe dizem que to emagrecendo, que to ficando bom na Capoeira também. (Um capoeirista de 14 anos)

Quando eu entrei para Capoeira eu era meio gordinha e consegui emagrecer bastante. (Uma capoeirista de 23 anos)

Eu emagreci, ocupei mais meu tempo. O mais importante para mim foi isso. (Uma capoeirista de 15 anos)

Malysse (2007) destaca a necessidade de se buscar a boa forma, a magreza, que permitiria uma boa apresentação do corpo aos outros. O autor destaca que no âmbito da academia há uma socialização, entre os corpos, por meio de uma *performance* mais estética do que esportiva, saudável. No grupo EC esta dinâmica também parece ocorrer entre a maioria dos jovens. O autor também destaca a influência da mídia na criação de um corpo “virtual”, de imagens-normas corporais,

que prezam pela boa forma, que, mesmo gozando de plena saúde, o corpo precisa ser corrigido, “malhado”, emagrecido.

Ao ser perguntado sobre diferenças no corpo dos colegas depois que entraram para capoeira, um capoeirista de 19 anos citou um que “era gordo e ficou magro”, “começou a perder barriga” e depois “ficou definido”. Este mesmo capoeirista, demonstrando certa satisfação em sua fala, me contou que ganhou “mais musculatura” após começar a praticar.

Defini mais, ganhei mais alongamento na coluna, nas pernas. Cresci até mais, eu sempre fui franzino, ganhei mais musculatura. Só isso. (Um capoeirista de 19 anos)

Ao dissertar sobre a corpolatria carioca, o frenesi da busca pelo “corpo perfeito”, Malysse (2007) a compara a uma religião, onde seus adeptos que malham, discriminariam quem não malha. Esta discriminação parece ocorrer na fala do capoeirista de 19 anos, quando contou em um tom de ironia e com alguns risos, se referindo ao seu colega: “era gordo...”, “começou a perder barriga”.

No caso dos homens, no grupo EC, ter um corpo magro parece não ser bem visto. Um capoeirista de 23 anos relatou que antes de entrar para capoeira seu corpo era “raquítico” e após “definiu mais abdômen, peito, perna”. Ao final da entrevista o jovem destaca seus objetivos, em relação ao seu corpo, na capoeira: “o que eu quero agora é engordar e definir mais o corpo.” Este “engordar” e “definir” podem ser interpretados como aumento de massa muscular. Essa preocupação com uma “muscularidade” pode levar ao uso de anabolizantes e outros hormônios, apesar de parecer não ser o caso deste capoeirista. Sobre este aspecto, Cesar Sabino (2007) descreve:

Essas muscularidade e magreza (baixo percentual de adiposidade, alta percentual de massa muscular) acabam sendo apresentadas, em nossa cultura, como sinais de positividade, levando número significativo de homens e mulheres adultos e adolescentes ao consumo, por vezes excessivo, de anabolizantes, outros hormônios e produtos em busca da forma física ideal, concebida como a chave para a aceitação e a ascensão social, enfim, para o sucesso. (p. 143)

Em contraponto a essa busca pelo corpo em forma na capoeira pelos integrantes do grupo EC, a capoeirista de 23 anos, apesar de também ter destacado o emagrecimento como benefício para seu corpo, deu uma verdadeira aula da

história do corpo na capoeira. Esta me contou que a capoeira foi criminalizada em 1890, pelo então presidente Marechal Deodoro da Fonseca, e que os escravos, para continuarem jogando, sem serem presos, praticavam em terreiros de candomblé. Também me contou que o motivo da roupa branca e da associação atual com o candomblé e com a macumba vem deste período, entre outros relatos.

Tem a ver com os escravos que usavam roupa branca, pano de saco como se fala. A roupa da gente é branca por causa disso, por causa da origem escrava. A maioria dos grupo usam camisa branca. A nossa é camisa cinza por causa da história do EC. Muitos grupos nem aceita que a gente jogue de camisa cinza, mas eu não sei explicar porque. As cores da camisa simbolizam a história do EC. (Uma capoeirista de 23 anos)

Segundo Soares et al (1992) esta capoeirista estaria refletindo sobre conteúdos da cultura corporal, que são formas de representações do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história e, exteriorizando-as pela expressão corporal. Nesse caso em relação à prática da capoeira. A consciência da cultura corporal na capoeira, historicamente construída pelos negros trazidos como escravos para o Brasil, expressa por ela (de forma não-acadêmica), me surpreendeu. O instrutor do grupo, de 51 anos, também revelou conhecimentos referentes a este respeito.

Quando perguntado sobre mudanças percebidas no corpo de seus colegas, o instrutor, de 51 anos, cita o corpo das “meninas gordinhas” que agora tem um corpo mais “esbelto”. Cita também o corpo de sua filha, colega na capoeira, que para ele é magra e agora está com o “corpo mais definido”. O instrutor, o jovem de 23 e o contramestre foram os únicos a pensarem a capoeira como uma possibilidade profilática.

Sobre o contramestre pode-se dizer que suas respostas formam um conjunto das respostas de todos os seus alunos. No que diz respeito ao entendimento do corpo numa perspectiva cultural, foi o fato de o contramestre ter citado Zumbi dos Palmares como um personagem importante para a capoeira, apesar de admitir que não há provas que apontem Zumbi como um capoeirista. Cabe questionar: essa não seria uma forma, por parte do contramestre, de conectar a capoeira a um importante

nome da história brasileira, a fim de valorizá-la? Afinal, Zumbi foi um nome de resistência, um herói do movimento negro no Brasil.

Outro tema abordado pelo contramestre foi a questão da necessidade do treinamento desportivo para um melhor desempenho na capoeira:

(...) treinando fica melhor ainda, mas se você não treinar mesmo assim sai os movimentos porque está no seu corpo. Por exemplo um 'AU', quando você tinha 5 anos, você com 60 anos continua fazendo o 'AU', é a mesma coisa. Só se a pessoa parar por 10 anos, mais ou menos... creio eu que mesmo assim não consiga esquecer. O corpo está acostumado, só fica enferrujado, mas continua a mesma coisa. (Contramestre do grupo EC)

A idéia de corpo “enferrujado” parece remeter à compreensão de René Descartes (1637) de “corpo-máquina” que limita a capoeira ao prisma das ciências naturais. Esta separação entre corpo e mente no Esporte, segundo Ghiraldelli Júnior (2007), predominou no Brasil no período da ditadura militar onde a *performance* esportiva eram extremamente valorizada.

Os temas centrais, portanto, abordados pelos alunos e seu contramestre, nas entrevistas, foram: a necessidade de se buscar um corpo em forma ideal; o entendimento do corpo como expressão de uma cultura historicamente construída; a capoeira como promoção de saúde para o corpo. Este último foi pouco falado pelos entrevistados. A compreensão de corpo na capoeira como *performance* esportiva foi um tema, ao contrário de seus alunos, abordado somente pelo contramestre. Pode-se concluir que o corpo do contramestre, enquanto sujeito (e não objeto), exerce influência sobre o corpo dos seus alunos. Essas questões são observadas uma vez que a maioria das respostas dos alunos se coadunam com as do contramestre.

O aprendizado “mimético” no grupo EC

Um dos fatores do ensino-aprendizagem no grupo EC que mais me chamaram atenção foram os “processos miméticos” empreendidos por seu contramestre e alunos. Durante as entrevistas o contramestre fala da possibilidade de criação de movimentos pessoais dos alunos.

“Minha Capoeira é de mil novecentos e antigamente que eu costumo dizer pra eles, antigamente eu fazia o ‘peão de mão’, ‘macaquinho’, ‘beija-flor’, ‘palhaço’, ‘mortal’, hoje os movimentos de cada um desses que eu falei, eles bolaram 10 movimentações diferentes. Então essas crianças que estão hoje aí, se fosse na época iam dar elas como pessoas de outro mundo, porque na movimentação deles, eles criam muita coisa diferente.

Porque hoje eu tenho uma noção de que o básico que eu tenho eu passo pra eles e eles dão uma inovação, eles conseguem criar. O que eu fazia antigamente, o básico, hoje eles transformam vários movimentos em um só. Hoje a Capoeira se desenvolveu muito. A diferença é que os meus movimentos são básicos e os deles são mais inovatórios. Como é que se diz? Mais contemporâneos.” (Contramestre do grupo EC).

Neste trecho é possível observar, de acordo com Silva (2008b) a ocorrência da mimese no ensino da capoeira no grupo EC. E de uma nova ressignificação da capoeira por parte dos novos capoeiristas, em sua maioria jovens e crianças. É importante observar também essa ressignificação em tão pouco tempo em relação a sua (suposta) origem no Brasil. O contramestre do grupo possui 34 anos e a faixa etária do grupo varia de 7 a 23 anos, sem contar com seu instrutor de 51 anos. Em uma diferença de idade, do contramestre para seus alunos, que varia de 11 a 27 anos, este já considera os movimentos que seu corpo realiza na capoeira como “básico” como “minha capoeira é de mil novecentos e antigamente” em relação ao que seus alunos mais jovens vêm criando durante as aulas.

A partir dessa reflexão é possível (ou impossível?) imaginar quantos processos miméticos, quantas ressignificações, quantos novos movimentos corporais, e seus sentidos na roda, não deveriam (e deverão ser) ter sido criados ao longo da história da capoeira. E quantos movimentos não teriam sido esquecidos ou abandonados simplesmente por razões que nunca serão conhecidas.

Insistindo nessa questão, questiono o contramestre sobre a liberdade dos alunos para criar novos movimentos corporais:

“Eles criam movimentos a partir dos movimentos que você ensina?”

“Dos básicos. Vamos colocar aqui o M. O M fazia uma ponte, virava na ponte. Agora ele vira na ponte e quando ele vê que ta caindo, já solta uma mão e já vira de novo para o outro lado, ele sequencia. Mas isso é criação dele mesmo, o corpo dele que dá essa base pra ele poder fazer. Sendo positivo, dentro do trabalho da Capoeira, eles podem criar, não tem problema nenhum.” (Contramestre do grupo EC)

Ao final da explicação ele ressalta, mesmo que discretamente, a preocupação dos movimentos corporais criados por seus alunos não abandonarem a essência dos movimentos básicos anteriormente ensinados a estes. Entendi que não poderia ser inserido, por exemplo, um *jab* que é um golpe frontal com o punho, do boxe, nesse processo de criação, uma vez que não faz parte do universo da capoeira.

Em minha curta experiência de praticante de capoeira ainda não tive a oportunidade de empreender processos miméticos na criação de novos movimentos, pois ainda estou aprendendo os básicos. Porém pude observar além da fala do contramestre do grupo EC, que de fato seus alunos criam e praticam estes no jogo, na roda.

Uma prática que parece ser comum no ensino da capoeira é o ensino de danças populares de influência de matriz africana e a influência da capoeira nestas manifestações.

“... junto com a capoeira, tem outras danças, o maculelê por exemplo, o samba de roda... é... o jongo, a ciranda, puxada de rede... e a gente tá com um projeto também da percussão, ‘percapoeira’ na lata também, que é nosso...” (Contramestre do grupo EC)

Em um dos dias de aulas em que estive presente no grupo EC o contramestre estava ensinando o maculelê aos seus alunos.

Como citei anteriormente, além das visitas aos grupos e rodas de capoeira venho frequentando eventos de cultura popular onde predominantemente são compostos por capoeiristas. Atualmente também integro um desses grupos que tem o jongo como principal objeto de estudo e prática corporal – o grupo Dandalua, de Nova Iguaçu. Um exemplo desta predominância de capoeiristas é a roda de jongo que ocorre toda última quinta-feira do mês, embaixo dos arcos da Lapa, com o grupo Jongo da Lapa. Neste grupo todos os integrantes do sexo masculino são

capoeiristas e algumas mulheres também. Durante as rodas de jongo são cantados pontos (músicas de jongo) que também fazem referência à capoeira, como:

“Meu povo veio / veio de lá de Angola / meu povo veio / veio de lá da Guiné/ meu povo trouxe dentro de sua cachola / a capoeira, o jongo e o candomblé”

Dois integrantes do Jongo da Lapa me contaram que a capoeira foi uma grande divulgadora do jongo e responsável por sua preservação até os dias de hoje. Estes também acreditam que o coco de umbigada e o samba de roda, principalmente, tenham passado por este mesmo processo.

Outra música, que na capoeira é conhecida como cantiga, gravada inclusive por artistas como Clementina de Jesus, Caetano Veloso e Marisa Monte, é “Marinheiro Só”. Também cantada e dançada em outras rodas de danças populares como os já citados coco de umbigada e o samba de roda.

“Eu não sou daqui / Marinheiro só / Eu não tenho amor / Marinheiro só / Eu sou da Bahia / Marinheiro só / De São Salvador / Marinheiro só...”

Em relação ao principal objetivo do ensino da capoeira, para o contramestre do grupo EC seria divulgar a capoeira para a sociedade e acabar com a visão que se tinha de capoeira como “coisa de vagabundo, marginal” e “coisa de malandro”. Alguns autores, como Silva (2008a), ainda tem essa impressão de que a sociedade discrimina os capoeiristas nesse sentido. No entanto, os demais alunos do grupo EC parecem não ter essa impressão, pois responderam não sofrer preconceito.

Quando questionados sobre o aprendizado na capoeira alguns alunos me responderam que o principal para eles seriam valores morais como não-violência e mudanças comportamentais que a capoeira vinha proporcionando.

O que eu aprendi... muita disciplina, respeitar o próximo entendeu? respeitar mais o graduado, respeitar mais a mãe, que eu não respeitava entendeu? respeitar mais assim... mais as pessoas, entendeu? É isso que eu venho aprendendo cada dia mais. (Um capoeirista de 26 anos)

Meu jeito de ser porque eu era muito violento. Agora eu estou mais calmo, mais consciente. Pensando primeiro antes de fazer alguma coisa. (Um capoeirista de 23 anos)

A capoeira o ensinou a pensar. Não foi a escola, a disciplina de filosofia, sociologia, história que o jovem cita quando fala numa maior consciência adquirida das coisas, mas sim da capoeira. Interessante notar como os saberes populares, e (por que não?) os saberes corporais podem levá-los a pensar suas próprias vidas, convicções e comportamentos.

Eu aprendi na capoeira assim... aprendi educação, aprende-se a como se comportar perante as outras pessoas. (Uma capoeirista de 23 anos)

Acredito que haja uma ética própria na capoeira que reflita na vida cotidiana de seus praticantes. E que seja estimulado o respeito ao companheiro de treino, seja mais graduado ou não, ao mestre, além de particularidades do jogo que são vivenciadas constantemente. Silva (2008a) discorre a respeito de condutas éticas, efetivação de regras, conceitos e princípios ao qual o corpo empreende, sem os quais, segundo este, o jogo de capoeira não existiria.

Durante o jogo os capoeiristas podem executar os movimentos com o corpo mais próximo do solo, em um nível mais baixo, ou mais alto. O autor Silva (2008a) e a maioria dos capoeiristas que tive contato relatam que em nenhuma hipótese se pode atacar no nível mais alto o companheiro de jogo em nível mais baixo, pela posição de desvantagem em que este se encontra pela posição dos corpos no espaço. No grupo que atualmente faço parte este ensinamento também já me foi passado.

Outra questão do aprendizado na capoeira que reflete condutas éticas e que podem levar o capoeirista a pensá-las/vivê-las em sua vida cotidiana:

(...) não agredir ou ameaçar a integridade física de um capoeirista sabidamente mais fraco; o padrinho responsabilizar-se por guiar e proteger seu afilhado; o controle de impulsos como uma exigência aos mais experientes, uma vez que se pressupõe que estes têm maior autocontrole. (SILVA, 2008a, p. 34)

Na verdade não se deve agredir nem ameaçar a integridade física de ninguém em nenhum momento, somente em questões de autodefesa. E ter

consciência de sua força e habilidade corporal para ferir uma pessoa, no que o autor colocou como “autocontrole” também são valores ensinados/aprendidos na capoeira. Talvez tenha sido esse aprendizado corporal que levou o capoeirista do grupo EC a ter me confessado que “mudou seu jeito de ser” deixando de ser violento por causa da capoeira.

Na última questão das entrevistas pedi para que todos, individualmente, alunos e contramestre escolhessem entre três opções - Questões culturais e históricas da capoeira / Desempenho e técnica dos movimentos / Estética corporal e corpo em forma / Outra opção – a respeito do que para eles seria o objetivo maior a respeito do que deveria ser ensinado/aprendido na capoeira, em ordem de importância. Estes deram colocações – 1º, 2º e 3º lugar – para estas opções. A partir disto foram elaborados quadros para facilitar a visualização das respostas dos entrevistados.

Estas respostas variaram de grupo para grupo, e no caso específico do grupo EC, os resultados a seguir foram os seguintes:

Grupo EC (Bloco de Carnaval)				
Respostas / Colocações	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	Total respostas
Questões culturais e históricas	6	1	0	7
Desempenho e técnica	1	6	0	7
Estética corporal	0	0	7	7

Dos sete capoeiristas entrevistados, incluindo seu contramestre, a opção que mais se destacou, obtendo a preferência e o 1º lugar, para a maioria do grupo EC, foi “Questões culturais e históricas da capoeira” com 6 respostas. Ficaram em 2º e 3º respectivamente “Desempenho e técnica dos movimentos” e “Estética corporal e corpo em forma”, com 6 respostas para uma e 7 para outra.

Se você não tiver fundamento... não souber da história da capoeira, você não chega a lugar nenhum, é o que é... (Uma capoeirista de 23 anos)

Tem gente que diz que é macumba... fica falando que é outra coisa... aí é bom a gente entender a história da capoeira que aí a gente vai saber o que é certo e o que é errado. (Uma capoeirista de 13 anos)

Tu conhece a história da capoeira... conhece os mestres...como que ensinavam... tu aprende. (Um capoeirista de 14 anos)

Os capoeiristas do grupo EC, provavelmente sem conhecer, valorizam os fundamentos da cultura corporal na capoeira, nas expressões corporais presentes em seus movimentos aprendidos, ensinados, criados e ressignificados. Fato este que pode dar uma identidade própria ao grupo EC. E os capoeiristas, como um todo no grupo, percebem a questão de se conhecer a história da capoeira, de como esta foi constituída e de como vem se reconstituindo através do tempo. Além da história de seu próprio grupo é interessante ver como o grupo EC valoriza e busca praticar/vivenciar outras manifestações de matriz africana, como o jongo, o samba de roda, o maculelê, entre outros. Talvez o fato de se estar localizado em um bloco de carnaval tenha influência sobre o entendimento do contramestre do grupo EC, sobre cultura popular e no interesse de que seus alunos aprendam essas outras manifestações.

Por mais que o grupo EC, tenha pouco mais de dez anos de existência, tanto seu contramestre quanto os alunos mais graduados já passaram por outros grupos e experiências nas mais diversas rodas de capoeira. E trazem em seus corpos a expressão de uma cultura historicamente construída, aprendida e expressa pelos martelos, ganchos, gingas, beija-flores e esquivas e demais golpes e floreios da capoeira.

A questão de manter uma estética corporal através da capoeira ficou como terceira prioridade dos capoeiristas de todos os grupos pesquisados. No entanto, a preocupação com desempenho e técnica dos movimentos que ficou em 2º lugar no grupo EC, foi um pouco mais valorizada e justificada como mais importante, nos demais grupos, como veremos a seguir.

Clube esportivo: grupo AM

Em conversas com meu orientador e tendo em vista a boa experiência com o grupo EC, julgamos conveniente que eu começasse a praticar capoeira. Imediatamente comecei a procurar um grupo e me deparei com o grupo AM localizado em um clube esportivo próximo a minha casa, no bairro de Cascadura, na

cidade do Rio de Janeiro. E após o contato com o grupo EC, este foi também o segundo grupo entrevistado.

Meu principal interesse em iniciar a capoeira nesse grupo foi de fato a proximidade com minha residência, pois até então só havia tido contato com o grupo EC de Bangu.

Este grupo foi fundado por seu mestrando (que é equivalente a graduação de contramestre na capoeira) pela necessidade de, segundo ele, levar os conhecimentos dele aos seus alunos, formar o seu trabalho e dar um aspecto de organização. Na primeira visita ao grupo AM, procurei me informar sobre os dias e horários dos treinos de capoeira com o mestrando e sobre o grupo. Este me explicou que a capoeira é uma luta que mistura várias outras, incorporando movimentos de várias lutas, como o Karatê, Judô, entre outras. Comentei com ele que havia feito Karatê por um bom tempo e que via na capoeira muitos golpes parecidos como o Mawashi Geri que na capoeira é conhecido como martelo que, segundo Silva (2008c), descreve um semi-circulo frontal, “acrescido de pequena uma rotação de 45° no sentido interno da perna que vai na direção de um ponto ou parte específica do oponente” (p. 66).

Neste grupo treinava duas vezes por semana e cheguei a participar de um batizado. Após pouco mais de seis meses, neste mesmo batizado, obtive a primeira corda do sistema de graduação do grupo – a branca (também chamada crua) e amarela.

A exemplo do grupo EC, no grupo AM também realizei a primeira entrevista com o mestrando do grupo. Inicialmente este conta sobre sua trajetória na capoeira e busca dar, a sua maneira, um panorama histórico desta.

A capoeira, ela nasceu na ânsia da liberdade... então os negros... eles criaram a capoeira... pra luta, pra briga, a capoeira foi lutada... Tem um toque na capoeira que dá o nome de toque de cavalaria, é um toque que na capoeira dá um nome de toque de aviso... quando chegava pessoas estranha, eles tocavam a cavalaria que é um toque de aviso num momento que você estava em luta corporal... então mudava aquele jogo todo e começava a brincar, quando as pessoas se aproximavam “o que vocês tão fazendo?” não, a gente tá dançando capoeira... E... e temos que agradecer também a Getulio Vargas, que em 1934, ele conseguiu tirar a capoeira do código penal, que a capoeira era penalizada, entendeu? com as suas leis... então

ele tirou do código penal e hoje em dia a capoeira é livre, entendeu? (Mestrando do grupo AM)

Hoje a capoeira é livre, segundo o mestrando do grupo AM. Considero essa liberdade relativa se pensarmos a capoeira para além do código penal. Até que ponto alguns filmes, imagens, fotos, shows, jogos não estariam também a aprisionando a um estereótipo de beleza corporal e virilidade pré-determinados? Ou mesmo a tentativa de “esportivização” da capoeira limitando-a a um conjunto de regras e a determinado padrão de performance no jogo.

A respeito do toque de cavalaria, no berimbau, para avisar os demais capoeiristas da chegada de “gente estranha” (polícia) citado pelo mestrando e por diversas literaturas (YAHN, 2010; MELLO, 2002; BARBOSA, 2005; COSTA, 2010) também há cantigas de capoeira que fazem referência a esse fato. Como neste trecho da música “Berimbau Falou” de composição de Graduado Voador:

Berimbau ajudava o capoeira

Lá no tempo, lá no tempo da opressão

Se escutava toque de cavalaria

Quando a polícia te via

Berimbau já me avisou...

(música: Berimbau Falou – composição: Graduado Voador)

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=HzpXHV0TF2w>

O mestrando também faz referência à descriminalização da capoeira no governo de Getúlio Vargas demonstrando certo conhecimento deste período. O mestrando também estimula os alunos a pesquisarem sobre a história da capoeira, incentivando-os a conhecerem a teoria para além da prática. Esta questão foi falada por uma capoeirista durante a entrevista, quando perguntada sobre sua opinião quanto à forma de ensinar capoeira de seu professor/mestrando.

Eu acho excelente porque... ele não só ensina os movimento, como ensina a tocar os instrumentos, fala do fundamento, fala sobre a história, manda a gente pesquisar sobre a história do mestre... de onde veio, como nasceu... então eu acho que é da melhor maneira possível... (Uma capoeirista de 43 anos)

O mestrando do grupo AM (talvez ignorando tais questões por não ser um acadêmico) busca desenvolver a capoeira dentro dos conteúdos da cultura corporal ao falar da história da capoeira em suas aulas, de Getúlio Vargas e de influenciar seus alunos à pesquisa. Da mesma forma que o grupo EC, para Soares et al (1992), o mestrando estaria fazendo seus alunos refletirem sobre os conteúdos da cultura corporal, sobre a representação do mundo através do corpo na capoeira.

Corpo este do capoeirista que para Adorno (1999) significa resistência negra e a essência da luta pela liberdade no Brasil.

O jogo da Capoeira é o corpo e a essência de 500 anos de luta de resistência negra, constituindo-se na primeira e original manifestação libertária da cultura brasileira; é o corpo e a força dos ritos que preservam os mitos e os arquétipos da nossa gente. Participando ativamente da resistência comum às variadas formas de dominação física e cultural, desde o seu aparecimento nas terras brasileiras a Capoeira insurge-se em defesa da construção de uma nova identidade coletiva: esse jogo não foi somente um fermento revolucionário; é realmente um instrumento de transformações firmado nas mais antigas raízes culturais do povo brasileiro (...). (ADORNO, 1999, p. 4 e 5)

O corpo é resistência e essência, não é uma máquina. É sujeito e não objeto da história. O corpo fala, sente, luta, se emociona. Como haveria resistência (e submissão) cultural da capoeira sem corpo? Como poderia se pensar/representar a capoeira e toda sua história de resistência sem o corpo?

Um outro capoeirista, de 30 anos, fala dos preconceitos sofridos, por parte dos familiares por praticar capoeira atribuindo uma causa histórica a tal preconceito. Ele cita a associação que algumas pessoas fazem da capoeira com a malandragem. Este capoeirista foi o único a afirmar que sofre preconceito desse tipo.

Você é malandro... então, e eu falava “não, não tem nada a ver”... Eu acho que assim, a sociedade, a capoeira tem essa fama, teve essa fama, que ela foi marginalizada, ela foi reprimida, no Rio de Janeiro e no Brasil todo e a sua prática era proibida... e depois que ela saiu do código penal brasileiro, as pessoas ainda tinham aquela imagem, porque os capoeiristas aqui no Rio... existia muita malta de capoeira, o pessoal ia, roubava, assaltava... porque, quem fazia capoeira eram os malandros, era assaltante, era a pessoa que queria roubar você, que queria matar... entendeu? (Um capoeirista de 30 anos)

Na primeira metade do século XX, para Moreira (2011), a figura do malandro representava uma ameaça à ordem formal instaurada, que no qual era combatido pelo governo criminal e ideologicamente. No Estado Novo, com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Vargas promovia a censura nas produções artísticas, culturais que de alguma maneira faziam referência ao malando, e em oposição ocorria a exaltação do trabalho.

Atualmente o termo “malandro” transita por uma rica polissemia, que pode fazer alusão tanto ao cenário acima descrito, quanto abarcar sentidos ligados a certa esperteza, conferida em muitas produções a aspectos do nosso imaginário (...). A história da capoeira, assim como a da malandragem e sua polissemia como vadiagem, vagabundagem, capoeiragem, caminha pelas vias da construção imaginária da nossa sociedade. (MOREIRA, 2011, p. 18 e 19)

De fato a polissemia que a palavra “malandro” adquiriu atualmente é vasta. Malandro pode significar esperto, quem gosta de tirar vantagem, onde é comum se ouvir das pessoas: “ele pensa que é malandro”. Ou vagabundo, que não gosta de trabalhar: “deixa de ser malandro, vai trabalhar”. Ou até mesmo entidade religiosa das religiões afrobrasileiras, entre outras.

Este capoeirista me pareceu conhecer bem a história da capoeira, pois mais adiante na entrevista ele complementa seu argumento justificando porque o negro/capoeirista precisou marginalizar-se para sobreviver.

Porque... eles deram abolição, fizeram abolição, mas não deram assistência nenhuma aos negros... e os negros ficavam vagabundeando pela cidade aí, ficavam transitando pela cidade, sem dinheiro pra comer, sem dinheiro pra... sem local pra dormir, qual era a opção que você tinha? Sem possibilidade de estudar, de ter o acompanhamento social... era roubar pra sobreviver... e quem praticava capoeira, usava isso como artifício, como vantagem... “porque eu sou capoeirista, vou dar uma banda no cara, ele vai cair, eu vou pegar o dinheiro e vou meter o pé” entendeu? (Um capoeirista de 30 anos)

Tal declaração, de certa forma, encontra respaldo no pensamento de Munanga e Gomes (2006), pois para estes autores as maltas nos últimos anos do Império, final do século, XIX, eram formadas pelos grupos populares, de homens negros, pobres, de todas as origens.

Este capoeirista, de 30 anos, reforça ainda mais a tese de que o mestrando do grupo AM estimula o estudo da história da capoeira em seu grupo. No entanto, além do interesse notório pelas questões históricas da capoeira, alguns capoeiristas do grupo valorizam mais as questões técnicas dos movimentos e habilidades, como se pode observar mais adiante.

Neste sentido alguns alunos do grupo AM entendem que a capoeira é somente um esporte:

Eu também tinha um pouco daquela opinião que todo mundo tem, que é um... jogo... uma dança... (Um capoeirista de 16 anos)

A capoeira não é uma religião... é um esporte igual qualquer um... como se fosse futebol...

(Um capoeirista de 14 anos)

Não acredito que seja certo ou errado pensar a capoeira como esporte. Até porque é comum encontrar vários sentidos para esta (esporte, luta, dança, briga, filosofia, entre outras) em diversas literaturas, cantigas e saberes populares. Há ainda os que pensam a capoeira não como uma coisa simplesmente (somente esporte, por exemplo), mas como luta, jogo, dança, malícia e até brincadeira:

Capoeira é luta, jogo e dança. Brincadeira de movimentos perigosos executados com graça, malícia e muitos rituais. Dança negra em que prevalece a agilidade da esquiva e a esperteza da fuga. (...) O jogo da Capoeira é a síntese da dança. A sua essência, disfarçada em brinquedo: vadiação; distração de quem busca extravasar cada função interior nos gestos exteriores. Nessa dança se manifesta a tradição milenar da cultura negra de reverenciar as origens, cada vez que se repetem gestos ancestrais, renovados. (ADORNO, 1999, p. 4)

Me questiono se o fato de o grupo AM estar localizado em um Clube Esportivo, que naturalmente possui outras modalidades esportivas como futebol e natação, não teria levado esses jovens capoeiristas a pensarem a capoeira como um esporte simplesmente. Ou se talvez esse ensinamento não tenha partido de seu mestrando. Pelo que me lembro, dos treinos que participei neste grupo, pelas observações e entrevistas realizadas em nenhum momento foi dito pelo responsável pelo grupo que essa seria simplesmente um esporte. Ao contrário, para o próprio mestrando a capoeira só sobreviveu por ter “*dois caráter*”:

Então a capoeira, ela foi preciso ter, foi preciso ter dois caráter pra se manter viva... prática, jogo de capoeira pra quem praticava... desculpa, luta pra quem praticava e dança pra quem não participava das rodas de capoeira...(Mestrando do Grupo AM)

A música de Mestre Barrão cita ainda essa discussão que ocorre no universo da capoeira sobre esta ser dança ou luta. Mas o que mais me surpreendeu ao ouvi-la, em determinado trecho, foi o fato de que a própria capoeira (ou na própria capoeira) pode estar contribuindo para a construção de um estereótipo corporal de beleza determinado:

*Com a capoeira menina entra na roda
Fica bonita e faceira
Mexe com o peitoral ô
Endurece o solado
e o abdominal
Fica todo desenhado
Dizem que é uma dança
para mim é uma luta
e o que vale nessa roda
é a mandinga e a disputa
(música: Capoeira é uma arte – composição: Mestre Barrão)
<http://www.youtube.com/watch?v=JZEs1kJeKD4>*

Ficar bonita e faceira, com o abdominal todo desenhado não pode deixar de ser sem a capoeira, diz a música. Valores como estes de beleza, estética, padrões corporais são predominantes na sociedade carioca e propagados pela mídia, como citado anteriormente. E esse tipo de valores propagados na capoeira podem colocá-la na condição de propagadora ao invés da luta de resistência à escravidão como era no passado, de acordo com Adorno (1999).

Talvez por esse motivo uma senhora do grupo AM tenha determinado tipo de opinião em relação ao seu corpo:

É, muitas pessoas, até dentro da capoeira, acha que nada faço... e quando eu entro no jogo... as pessoas... ficam assim... de bobeira... das coisas que eu faço, né... então as pessoas ficam assim... mas eu não ligo também para o que as pessoas

pensam não entendeu? Eu quero valorizar sempre a capoeira e aquilo que meu corpo deixa eu fazer... entendeu? (Uma capoeirista de 59 anos)

Esta capoeirista além de quase idosa também estava visivelmente acima do peso, se considerarmos o índice de massa corporal (IMC), que é um preditor internacional de obesidade adotado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Talvez as pessoas tenham ficado impressionadas com os movimentos que ela realiza na capoeira pensando nos estereótipos corporais criados em torno da juventude, do corpo perfeito. A este respeito Crovador (2011) discorre:

A sociedade atual carrega um estereótipo negativo relacionado ao envelhecimento, pois consome a beleza, a força, a vitalidade e enxerga a velhice com certo descaso, sendo que ela tende a ser a negação de uma ideologia dominante. Deste modo, muitos idosos se sentem discriminados, perdem a motivação e interesse em manterem-se ativos, pois se acham incapazes, sem condições e acreditam não terem mais idade para serem ativos fisicamente. (CROVADOR, 2011, s/p)

Entretanto esse estereótipo negativo parece fazer parte da preocupação dessa própria capoeirista. Pois primeiro ela parece enaltecer seu corpo por na sua idade realizar os movimentos que realiza. Porém, mais adiante na entrevista ao comparar o seu corpo com de seus colegas capoeiristas, parece lembrar a questão estética dizendo que precisa de uma lipoaspiração:

Então é todo mundo bem sarado... bem sarado... primeiro que são sarados porque já são bem mais novos... não é o meu caso... no meu caso tinha que ter uma lipo... (Uma capoeirista de 59 anos)

Interessante notar que de fato Malysse (2007) tem razão de que a preocupação com a estética corporal no Rio de Janeiro é mais comum em mulheres. Pelo menos foi assim com os grupos de que capoeira que tive oportunidade de pesquisar.

Uma das capoeiristas relatou ter entrado para a capoeira pensando exclusivamente na questão estética:

Quando eu entrei... pensando primeiramente na estética né, já pra não engordar... que a idade tá chegando... pra manter o corpo... depois o desenvolvimento e a questão depois... é a história...(Uma capoeirista de 43 anos)

Outra capoeirista do grupo fala ainda do preconceito sofrido pelas “pessoas que são gordinhas” na capoeira em relação as que são “magrinhas”.

Eu conheço várias pessoas que são gordinha... e que são bons de capoeira... as vezes a pessoa te julga pela tua aparência... “ah, porque aquela pessoa é gordinha, não vai conseguir fazer capoeira nunca... e ali, não deve nem conseguir levantar a perna” e as vezes tem uma pessoa que é magrinha que não consegue levantar a perna... tem pessoa que é magra mas é muito pesada... super travada, a pessoa não consegue, entendeu? mas ele tá sempre falando pra gente “tem que se cuidar, tem que correr, tem que emagrecer” eu acho que tá usando como um cartão postal... porque as pessoas julgam muito pela aparência... (Uma capoeirista de 26 anos)

Apesar do preconceito sofrido, o fato de se estar acima do peso não impossibilita nenhum capoeirista de jogar capoeira. Pude constatar a afirmação dessa capoeirista acima nas rodas que frequentei onde observei vários capoeiristas, contramestres e mestres, inclusive, visivelmente acima do peso, realizando movimentos corporais demonstrando habilidade, agilidade e experiência.

Não somente as mulheres do grupo AM, mas também os homens demonstram certa preocupação com a estética corporal ao falar do corpo de seus colegas:

Eu fiz capoeira com ele quando ele era gordão ainda, aí eu fiquei cinco anos sem ir em Realengo, quando eu voltei ele já era mestre, já era professor, já dava aula... ele era magrinho forte... (Um capoeirista de 14 anos)

Eu achei que, hoje ele tá com trinta e oito anos, eu notava que ele teve um pouco mais de massa muscular, não tá tão definido como antigamente, mas... essa é a única mudança assim. (Um capoeirista de 30 anos)

Outra questão importante que observei no grupo AM, foi de ter sido citado por um dos capoeiristas o respeito ao oponente que remete a uma ética específica da capoeira.

Você tem que respeitar o seu oponente... não só como capoeirista, mas como pessoa, como ser humano. Aí se você puder parar o pé você para, entendeu? (Um capoeirista de 30 anos)

Esta recomendação de “parar o pé” antes de acertar o companheiro de jogo parece ser comum na maioria dos grupos e rodas que tive contato. Em conversas informais com outros capoeiristas que não são dos grupos entrevistados, estes me contaram que há uma certa elegância na capoeira, na atualidade, em simplesmente demonstrar que o golpe acertaria e poderia comprometer a integridade física do oponente, do que deixa-lo acertar maldosamente.

No entanto estes mesmos relataram que essa ética vale quando a roda está entre capoeiristas amigos. Pois quando vêm outros que não são bem vindos na roda, ou quando há um desentendimento esta regra pode não valer e o jogo ficar mais “duro”.

Recentemente em uma roda de capoeira pude testemunhar um fato que alguns capoeiristas consideraram falta de ética, apesar da capoeira não ter um livro de regras ou regulamentos como outros esportes. Ouvi alguns falarem “o que ele fez não é proibido, mas não é ético”. Um dos capoeiristas que estava na roda com o outro, parou o pé no rosto do outro para “marcar o golpe” e demonstrar que este o atingira se quisesse. Em um movimento rápido para contra-atacar o capoeirista que receberia o chute no rosto, golpeou o outro no olho, com o dedo. Felizmente no olho deste só criou hematoma, mas as consequências poderiam ter sido piores.

Uns dizem que o golpe foi proposital, outros que foi “sem querer”, mas o fato curioso é que estes dois capoeiristas são amigos, segundo alguns participantes daquela roda. Contradizendo a afirmação de que este jogo mais duro só ocorre com capoeiristas que não são amigos.

Em relação ao aprendizado na capoeira perguntei a uma das capoeiristas:

O que você aprende na capoeira? O que você já aprendeu na capoeira até hoje?

E esta me respondeu:

Ah, queixada... meia lua de compasso... meia lua de frente... armada... é... martelo... ah, tem outros que no momento não... (Uma capoeirista de 43 anos)

Para um maior entendimento dos golpes citados por esta capoeirista, observemos as definições de Silva (2008c):

1) Queixada: “Esse movimento é efetuado de dentro para fora, também em semicírculo frontal” (p. 23).

2) Meia-lua de compasso: “Chama-se meia-lua, provavelmente, também por descrever uma meia-lua na frente do oponente” (p.37).

3) Meia-lua de frente: “A perna começa a descrever um semicírculo de fora para dentro, observando-se toda a amplitude que compõe o movimento em semicírculo (...)” (p. 21).

4) Armada de costas: “(...) simultaneamente ao giro no próprio eixo, deixamos a perna de trás complementar o movimento inicial” (p. 43).

5) Martelo: Um semicírculo frontal, “acrescido de pequena uma rotação de 45° no sentido interno da perna que vai na direção de um ponto ou parte específica do oponente” (p. 66).

Em relação à questão sobre o maior objetivo em se aprender/ensinar capoeira, última pergunta das entrevistas com o grupo AM, as respostas “Questões culturais e históricas da capoeira” e “Desempenho e técnica dos movimentos” empataram na preferência dos capoeiristas como demonstra o quadro abaixo:

Grupo AM (Clube Esportivo)				
Respostas / Colocações	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	Total respostas
Questões culturais e históricas	3	1	3	7
Desempenho e técnica	3	4	0	7
Estética corporal	1	2	4	7

As respostas foram bastante variadas. Para citar algumas:

Primeiro, questão cultural... o que acontece, porque se a pessoa não conhecer o que pratica, certamente ele vai entrar de cara num mundo que ele não conhece... então primeiro ele tem que conhecer o que tá fazendo... (Mestrando do grupo AM)

Assim, em primeiro lugar, tem que... ter desempenho e técnica dos movimentos né... porque é a primeira coisa que quando alguém te vê... a pessoa já olha logo “será que ele joga bem ou joga mal?” então acho que é o primeiro item (Uma capoeirista de 26 anos)

Questão cultural e histórica da capoeira... em primeiro lugar... eu tenho que saber né... (Uma capoeirista de 59 anos)

Eu acho primeiro o desempenho, com certeza, desempenho e técnica dos movimentos... (Um capoeirista de 14 anos)

Talvez a instituição onde o grupo AM está localizado – clube esportivo – tenha influenciado a opinião de metade desses entrevistados que optaram pela opção “Desempenho e técnica”, uma vez que o próprio mestrando prioriza o ensino da história da capoeira com seus alunos. Um clube esportivo é por natureza uma instituição que prioriza performance esportiva e resultados em competições nas mais variadas modalidades. Entretanto, não percebi influência desta instituição na filosofia de ensino do mestrando do grupo AM. Diferentemente do grupo AC, que está situado numa academia de ginástica como veremos a seguir.

Academia de ginástica: grupo AC

O grupo de capoeira AC é um dos maiores grupos do Brasil. Este grupo se subdivide em diversos espaços pelo país, e pelo mundo, contendo milhares de alunos. Chamarei de núcleos essas subdivisões do grupo, tendo cada um, seu responsável com graduação de mestre, contramestre ou professor.

O núcleo deste grupo, ao qual entrevistei, está localizado em uma academia de ginástica no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. Esta academia, como a maioria na cidade, possui atividades de musculação contando com diversos aparelhos e profissionais de Educação Física nestas salas para orientação dos exercícios. Porém, diferentemente de uma academia convencional a maior parte das atividades são de lutas, tais como: boxe, jiu-jitsu, judô, muay tay, luta olímpica, taekwon do e capoeira.

O fato deste grupo estar localizado em uma academia de ginástica especializada em lutas, me fez pensar, antes mesmo de adentrá-la, sobre a forte influência e valorização das questões técnicas e de perfeição dos movimentos, além dos estereótipos corporais criados/absorvidos pela mídia, que talvez eu visse nas falas e comportamentos de seus alunos. Estas questões, muito mais que outras, são pouco valorizadas pelas literaturas em capoeira e mestres de capoeira em geral, em relação à cultura e a história, por exemplo.

Pensei também na questão educacional neste grupo. Se não seria mais valorizado o desempenho em prol de algum objetivo maior. Ou se a preocupação com a tradição da capoeira ou a mimese de novos movimentos, como no grupo EC, seriam também importantes.

Sem querer gerar um pré-julgamento, apesar de já ter pensado algumas hipóteses quando soube que este grupo estava localizado em uma academia de ginástica especializada em lutas, fui para o encontro com os capoeiristas disposto a me surpreender. No entanto, não me surpreendi tanto assim, como veremos nos parágrafos a seguir.

Ao falar de seu próprio corpo e de seus companheiros de treino nenhum dos capoeiristas entrevistados (incluindo o contramestre) fez referência a história deste na capoeira. A maioria fez referência a melhoras fisiológicas, como coordenação motora, aumento de resistência muscular com os exercícios e o tempo de capoeira que possuíam. No entanto dois jovens apresentaram questões estéticas, como uma de suas preocupações durante os treinos de capoeira.

Eu tenho uma família de todos gordinhos, então não tem como eu sair já magrinha... sequinha, magrinha... mas assim, eu também busco porque uma estética boa também vai me ajudar nos movimentos da capoeira, vai me ajudar nos treinos, me deixar mais leve... então assim, eu pesava quase 70 quilos, hoje eu peso 63... ainda tenho que perder mais... então a capoeira, os treinos me motivou a isso... (Uma capoeirista de 23 anos)

A afirmação dessa capoeirista de que uma estética boa ajudaria a desempenhar melhor os movimentos na capoeira, parou meu raciocínio por alguns segundos. Imediatamente procurei fazer uma reflexão, buscando nas aulas de Educação Física que tive na universidade alguma relação entre uma coisa e outra, e, obviamente, pude constatar que tal afirmação não procede. Se a referência fosse a perda de peso (o que é mais provável dela ter pensado naquele momento), e não a estética, ainda assim seria relativo, pois já vi depoimentos de alguns lutadores que consideravam o ganho de peso fundamental para um melhor desempenho no esporte. Categorias de competições em outras lutas, inclusive, são determinadas por peso, como o judô e o Karatê, por exemplo, e muitos atletas necessitam ganhar peso para ficarem aptos a competir.

Sabedor disto, entendo que a declaração desta jovem capoeirista teve outras influências:

O corpo “virtual” apresentado pela mídia é um corpo de mentira, medido, calculado e artificialmente preparado antes de ser traduzido em imagens e de tornar-se uma poderosa mensagem de *corpolatria*. Essas imagens-normas se destinam a todos aqueles que as vêem e, por meio de um diálogo incessante entre o que vêem e o que são, os indivíduos insatisfeitos com sua aparência (particularmente mulheres) são cordialmente convidados a considerar seu corpo defeituoso. Mesmo gozando de perfeita saúde, seu corpo não é perfeito “deve ser corrigido” por numerosos rituais de autotransformação, sempre seguindo os conselhos das imagens-normas veiculadas pela mídia. (MALYSSE, 2007, p. 93 e 94)

Um bom exemplo atual dessa poderosa mensagem de corpolatria, dessa “imagem-norma”, propagada pela mídia, é o programa Big Brother Brasil 12, da Rede Globo. A maioria dos participantes (homens e mulheres) possui um corpo com baixo percentual de gordura, músculos hipertrofiados e visivelmente “esculpidos” pelos aparelhos de musculação das academias (Figura 4).



Figura 4 – Participante do programa Big Brother Brasil 12, da Rede Globo
Fonte: <http://blogsda gazetaweb.com/bbb12/bbb12/kelly-do-bbb-12-participou-do-concurso-garota-fitness-brasil-2011>

Alguns professores de Educação Física, mais radicais, dizem que os participantes fazem uso de drogas proibidas, como anabolizantes, para conquistarem o “padrão de corpo” que a mídia determina. Radicais, pois não há meios de se provar a afirmação. Esta integrante do programa participa de um concurso de beleza denominado: Garota Fitness Brasil 2011. Convém citar aqui os comentários dos organizadores desse concurso, extraído do mesmo Blog da figura 4:

“O concurso acontece desde 1997 e é considerado o maior concurso de beleza nacional. Já lançamos nomes como Lia Khey, do BBB 10, Michelly Crisfepe, do BBB 11 e agora estamos felizes com a participação da Kelly no BBB 12. O concurso visa avaliar o corpo de mulheres que não são tão magras como as modelos de passarela e nem tão musculosas como as atletas de fisiculturismo.”

O padrão estético se repete por várias edições do programa, visto que já houve outras participantes deste concurso. O programa visto por milhões de brasileiros na atualidade não está preocupado se o corpo é saudável, livre de doenças, se o sistema imunológico do participante está nos padrões de

normalidade. Nada disso importa para a indústria da beleza, mas simplesmente a estética, o “corpo perfeito”.

Convém questionar se um programa como este, que já está na sua 12ª edição (12 anos sendo transmitido), na maior rede televisiva do Brasil não teria influenciado, além de muitos outros fatores, filmes, programas, revistas, etc, a jovem capoeirista do grupo AC?

Outro capoeirista do grupo AC quando perguntado, por mim, sobre mudanças percebidas no corpo dos colegas com a prática da capoeira, prontamente citou a questão do emagrecimento:

Ele entrou meio gordinho, ele emagreceu demais, emagreceu muito mesmo... e só capoeira... não sei se ele praticava capoeira antes, mas pelo menos só na capoeira ele perdeu muito peso. Aí agora ele parou de treinar e voltou de novo... o único que deu pra perceber, que foi muito chamativo... que ele era bem gordinho assim... e ele perdeu muito peso... aí ontem eu vi ele, ele já tá meio gordinho. (Um capoeirista de 23 anos)

E sobre seu próprio corpo o jovem capoeirista responde:

Como eu posso te explicar... o meu corpo... sempre foi a mesma coisa, não sai disso... mas uma coisa que me ajudou também foi o fortalecimento... é aquilo, tenho o corpo mais ou menos definido, mas era um corpo mole, encostava na barriga eu sentia até cosquinha... agora não, conforme eu fui treinando... já fui endurecendo mais a barriga e o corpo todo... aí melhorou demais, eu gostei... muito. (Um capoeirista de 23 anos)

Interessante observar que tanto em relação ao corpo de seu colega, quanto ao seu próprio corpo o capoeirista pensou em primeiro lugar na questão estética antes de qualquer outra coisa. A pergunta foi aberta e em nenhum momento busquei direcioná-los para tais questões. Tanto que se pode perceber a variedade de respostas entre os capoeiristas e grupos. Novamente me vejo obrigado a concordar com Malysse (2007) quando esta afirma que no Rio de Janeiro o culto ao corpo, a busca pelo “padrão estético ideal” e a corpolatria funcionam como uma espécie de

religião, fazendo parte, com grande força, do imaginário do carioca. O que não imaginava é que este apelo tivesse força, também, no universo da capoeira.

O que eu observo bastante é a musculatura, o braço. Antes eu não tinha braço nenhum... na capoeira eu fiquei mais forte... é... esse aqui é o trapézio né? O trapézio... fica mais forte... eu sinto o meu abdômen rígido... a perna, a musculatura da perna... por conta dos movimentos que... minha perna é muito forte, minha panturrilha (Uma capoeirista de 26 anos)

Uma outra questão, que considero o principal diferencial do grupo AC em relação aos outros grupos, é a preocupação tanto de seu contramestre quanto de seus alunos do desenvolvimento prioritário e aprimoramento das técnicas dos movimentos na capoeira.

Quando questionado sobre como o contramestre ensina capoeira, este responde:

Começa pelo básico da capoeira, primeiro as pernas sempre flexionadas, uma postura na ginga, o que a gente chama de postura de... uma postura onde a perna fica flexionada, e também a perna flexionada no... E a gente trabalha também a ginga, que são movimentos naturais de andar e qualquer um consegue aprender com facilidade... (Contramestre do grupo AC)

O sobre o principal objetivo de se ensinar capoeira:

Pode ser o desempenho e a técnica... (Contra mestre do grupo AC)

Silva (2008a) faz duras críticas a este tipo de ensino na capoeira, pois para ele deve-se buscar uma vivência para que o aprendizado ocorra pelo autoconhecimento do corpo deflagrado de dentro para fora, diferentemente do que se propõe as técnicas de exposição-reprodução. Além de afirma que “os fundamentos da capoeira devem ser sempre revisitados para uma boa prática e um bom ensino” (p. 22). Porém, não há ressignificação ou criação de novos movimentos pelo que pude perceber nas entrevistas como o grupo AC, mas simplesmente a pura

reprodução e a busca cada vez maior pelo aprimoramento dessa reprodução de movimentos.

O autor vai ainda mais longe em sua crítica a este modo de ensino na capoeira, e procura atribuir uma parcela de culpa às academias:

Essas técnicas, criadas inclusive no universo da capoeira na atualidade, sem o entendimento do verdadeiro espírito dessa arte, geralmente são estabelecidas nas **academias** (grifo do autor) pela impossibilidade de recriar o espaço lúdico no fundo de quintal, da porta da rua, ou da festa do largo. Com isso criam-se outros valores, ou melhor, desvalorizam-se as diferenças dos corpos em função de um modelo a ser reproduzido. (...) Essa reflexão, com certeza, não se aplica a toda academia de capoeira (SILVA, 2008a, p. 22)

Convidado pelo contramestre do grupo AC tive a oportunidade de fazer um treino com os capoeiristas que iria entrevistar na academia da Tijuca. De fato (pelo menos nesse dia de treino) não houve espaço para uma abordagem lúdica. Ao contrário, iniciou com um aquecimento, uma longa série de educativos de golpes, esquivas e outras movimentações e, após, uma roda entre os alunos onde também tive a oportunidade de jogar. Saí extenuado da academia pela tamanha carga de exercícios, mas particularmente gostei do treinamento. Por ter tido um histórico esportivo (em natação, karatê e handebol) na escola, na universidade e em alguns clubes, particularmente gosto desse tipo de treinamento mais técnico e menos lúdico. No entanto não é o que recomenda a maior parte da literatura em capoeira que pude pesquisar.

Na última questão das entrevistas com o grupo AC a resposta que obteve maior preferência entre os capoeiristas foi “Desempenho e técnica dos movimentos” como se pode observar no quadro abaixo:

Grupo AC (Academia de Ginástica)				
Respostas / Colocações	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	Total respostas
Questões culturais e históricas	0	6	0	6
Desempenho e técnica	6	0	0	6
Estética corporal	0	0	6	6

Diferentemente dos outros grupos entrevistados foi unanime a escolha de colocar em 1º lugar esta opção, entre os capoeiristas do grupo AC:

Pode ser o desempenho e a técnica... pro aluno adquirir confiança no treinamento... (Contramestre do grupo AC)

Ah, com certeza... na ordem né... de prioridade... o desempenho e técnica dos movimentos vem em primeiro lugar. (Uma capoeirista de 26 anos)

Eu não entrei buscando estética corporal não, entrei buscando técnica dos movimentos da capoeira. (Um capoeirista de 22 anos)

Primeiro eu colocaria... desempenho... que na verdade é pra desenvolver, é meu objetivo... antes eu não tinha esse objetivo aqui, como eu falei, antes eu não queria... agora... é meu primeiro objetivo (Um capoeirista de 23 anos)

Este último capoeirista, de 23 anos, me relatou que é patrocinado pela academia para participar de apresentações e competições de capoeira. Ele não quis detalhar a modalidade de patrocínio ao qual havia acordado com a academia, mas quando insisti se limitou a dizer que esta pagava todas as inscrições de eventos ao qual ele participaria.

Os demais capoeiristas não fizeram menção a patrocínios como este, e não insisti nas perguntas sobre, pois percebi um certo desconforto desse jovem capoeirista ao falar deste assunto (como se estivesse sido orientado por alguém a não comentar). No entanto, por este breve relato é possível pensar nas razões pelas quais o grupo AC valorize mais o desempenho e as técnicas dos movimentos do que as outras questões.

Ficou evidente que além de uma filosofia mais tecnicista presente neste grupo, também há um apelo comercial (pelo menos por parte desta academia) para que os jovens capoeiristas se preocupem mais com a capoeira show-espetáculo e competitiva com seus regulamentos. E que a instituição (academia) tem forte influência nessa filosofia de ensino. A este respeito Nestor Capoeira (2010) citando Muniz Sodré, faz algumas considerações:

Muniz Sodré, apelidado de 'Americano' por mestre Bimba, nos dizia que a capoeira, 'como praticada pelos velhos mestres baianos', era um exercício anti-repressivo, jogar ou brincar é, de algum modo, 'contornar a seriedade o conceito de arte, estabelecido por um sistema neurótico chamado cultura'. E que a capoeira estava enfrentando 'inimigos mais sutis e poderosos: o turismo, que transforma o rito em

show, e a tara pedagógica, que procura fazer do jogo/arte um esporte com regras e regulamentos'. (p.63)

A questão lúdica permeia o imaginário do capoeirista não somente na literatura mas também na maioria das rodas que pude observar. Sempre há algum tipo de brincadeira entre os capoeiristas: algum golpe que é interrompido antes de acertar o rosto do outro jogador, uma rasteira que era para derrubar, mas não derrubou ou um movimento criado na hora por capoeiristas mais experientes. Fatos como este que uma competição de capoeira não deixaria ocorrer. Ou talvez um show para turistas e/ou leigos onde se valoriza mais os floreios e acrobacias do que a sabedoria e a malícia do velho na roda.

Capoeira (2010) acredita que mestre Bimba, com o ensino da capoeira regional “de certa maneira sacrificou a parte de brincadeira e ritual em favor da objetividade de luta.” (p. 52). O autor vai mais longe ao afirmar que a capoeira de Bimba sofreu forte influência do sistema de governo da ditadura militar, que classificou como “tecnoburocrático”. Onde o mestre inovaria a capoeira de uma forma mais tecnicista:

Ora, em 1964 os militares deram um golpe e tomaram o poder no Brasil, instaurando a ditadura militar que durou até 1984, instalando um sistema de governo que poderíamos chamar tecnoburocrático (valorizando a burocracia e a tecnologia acima de outros valores como justiça social, cultura, etc). Nós vamos ver que a capoeira, durante esta parte do ‘período das academias’, assimilou muitos dos valores desta tecnoburocracia (e talvez por isto, por estar em sintonia com os valores dos ‘donos de poder’ – e, em consequência, em sintonia com os valores da classe média -, tem podido alcançar, nos vinte anos seguinte, um sucesso econômico e uma divulgação nunca antes visto). (...) Ao método de ensino de Bimba (através das sequências), aos poucos foram adicionados uma ginástica de aquecimento (no início das aulas), treino sistemático e repetitivo de cada golpe, uma graduação para os alunos através de cordas ou cordões de diferentes cores amarrados na cintura, e o uso obrigatório de uniforme durante as aulas. (p. 58-59)

Apesar de concordar com Capoeira (2010) penso que mestre Bimba não mereça nenhum tipo de condenação ideológica ou de qualquer natureza. Qualquer capoeirista com pouco tempo de capoeira (meu caso) já compreende a importância deste mestre para a divulgação e propagação da capoeira (seja ela regional ou angola) pelo Brasil e pelo mundo e quanto este era apaixonado por sua empreitada. Não cabe a mim fazer nenhum tipo de julgamento das intencionalidades e valores, a respeito do mestre, que com certeza teve suas razões para ressignificar a capoeira.

O jogador que privilegia este aspecto (físico) negligencia o ritual e ignora as raízes e a filosofia (da capoeira). Não toca, ou toca mal o berimbau. Não responde ao coro,

embora goste de puxar o canto para aparecer. Só se interessa em jogar de forma metódica e muitas vezes de maneira agressiva. Raciocina em termos de *ganhar* e *perder*; se preocupa com sua imagem (fica fazendo pose de sério e durão) e com que os outros vão pensar dele. (CAPOEIRA, 2010, p. 24)

Em minha concepção, corroborando com as idéias de Capoeira (2010), o jogador de capoeira não deve priorizar somente aspectos fisiológicos ou estéticos, de hipertrofia muscular ou emagrecimento. Apesar de não condenar esses tipos de aspirações, dentro de uma visão maniqueísta de certo x errado, não considero o principal no ensino-aprendizado da capoeira. Em relação ao aprendizado técnico dos movimentos, considero também estes de extrema importância para a capoeira. Porém, não menos importante seria conhecer a história da capoeira, além de valorizar todo seu conteúdo lúdico e ritualístico. Sem a preocupação com o ganhar ou perder, nem jogar de forma metódica e/ou agressiva.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capoeira a muito foi objeto de perseguição por parte dos poderes dominantes na sociedade. Até criminalizada no período da República Velha (1889 - 1930), constando como crime passível de prisão no Código Penal de 1890. Neste período ela foi rechaçada pela polícia, apesar de, também, utilizada por alguns partidos políticos e poderosos da época em benefício próprio. Foi o caso da Guarda Negra, da recém-deposta princesa Isabel, por exemplo.

Na década de 1930, com a descriminalização e reconhecimento como “esporte verdadeiramente nacional”, nas palavras do próprio presidente Getúlio Vargas, a capoeira deixa as ruas e começa a ser praticada nas academias. São fundadas as primeiras academias de capoeira por mestre Bimba e Pastinha e a sua popularidade cresce nacional e internacionalmente. A capoeira estava liberta das prisões de grade para ser aprisionada de uma outra maneira.

Seus golpes ligeiros e movimentos acrobáticos provavelmente impressionaram os diretores e roteiristas de Hollywood, que inseriram a capoeira em alguns filmes de artes marciais. Mais recentemente, os jogos de luta eletrônicos de internet e videogame também contam com personagens capoeiristas ou que executam golpes de capoeira. Os programas de televisão também estão sempre preocupados em veicular a imagem de uma “capoeira esporte” promotora de saúde.

Sem querer aprofundar a discussão, é sempre importante ressaltar que o esporte não é a última instância para se obter saúde. Mas em alguns casos pode ser até prejudicial. E há também de se questionar o conceito de saúde a que mídia frequentemente se refere.

Penso que os filmes e jogos podem estar contribuindo para formatação e propagação de um determinado estereótipo corporal estético para o capoeirista. Músculos hipertrofiados, um corpo com baixo percentual de gordura e extremamente capaz de executar floreios e movimentos arrojados até mesmo para um mestre de capoeira e, absolutamente, nunca estar acima do peso.

Não é este o perfil predominante de capoeirista que pude observar entre meus entrevistados e demais capoeiristas em que pude observar nas rodas de capoeira que participei/participo.

É interessante levar em consideração que os capoeiristas que estão acima do peso, segundo a tabela de IMC, também são discriminados. Em algumas rodas de capoeira ouvi comentários de outros capoeiristas questionando entre si a capacidade dos que estariam acima do peso. É claro, vem a surpresa quando entram na roda para jogar.

Por um lado a capoeira abandona as prisões de grade para adentrar as prisões midiáticas e dos estereótipos por ela criados. Mas o que atualmente não estaria sob influência da indústria cultural? De certa forma a mídia também contribuiu para a divulgação da capoeira pelo Brasil e para os demais países do mundo.

Apesar das muitas hipóteses, discordâncias e polêmicas sobre a origem da capoeira por parte de diversos autores, pesquisadores e mestres de capoeira, atualmente esta é reconhecida como, genuinamente, brasileira. Grupos de capoeira como Abadá Capoeira, Capoeira Brasil e tantos outros com atuação, alunos e mestres em outros países foram fundamental para esse reconhecimento. Grupos dos mais variados que não necessariamente pensam/praticam a questão do ensino/aprendizagem na capoeira da mesma maneira.

A partir das observações, reflexões e interpretações das entrevistas com os capoeiristas dos grupos que tive a oportunidade e observar, conversar e até treinar pude concluir que de fato as instituições nas quais realizam suas práticas podem influenciar na filosofia de ensino/aprendizado destes. E que as percepções e interesses dos capoeiristas em relação ao próprio corpo variam pela busca de um melhor desempenho técnico, padrão de estética e pelo conhecimento histórico da capoeira, dos movimentos, golpes, esquivas e como estes vem ao longo do tempo se ressignificando.

No grupo EC, localizado em um bloco de carnaval, que além da capoeira, o contramestre ministra aulas de maculelê, samba de roda e jongo, os alunos parecem dar mais importância aos aspectos históricos e culturais da prática do que outras questões referentes à capoeira. Acredito que isto se dá pelo fato do grupo EC estar em um local que promove diversas atividades culturais e eventos de samba.

No grupo AM, localizado em um clube esportivo, os aspectos históricos e culturais dividem a preocupação dos capoeiristas juntamente com a busca por um maior desempenho e melhor qualificação das técnicas dos movimentos, golpes, esquivas e floreios. E apesar do mestrando estimular a pesquisa sobre a história da

capoeira entre seus alunos, penso que essa dupla preocupação se dá pelo fato do grupo estar em um clube que promove competições de futebol e classifica a capoeira como mais uma modalidade esportiva.

Tanto em um grupo quanto no outro, pude perceber essa influência na filosofia de ensino/aprendizado por parte das instituições nos quais os grupos estão sediados. No entanto, no grupo AC localizado em uma academia de ginástica a influência da instituição parece ser ainda mais explícita. O local ao qual o grupo realiza suas práticas é uma conhecida academia de ginástica especializada em lutas. E seus alunos são frequentemente incentivados a participarem de competições. Um dos capoeiristas, inclusive, como já citado, recebe patrocínio desta academia para as competições.

Alguns capoeiristas também relataram que buscam na capoeira uma melhor estética corporal, um corpo mais hipertrofiado, musculosos e, no caso das mulheres, principalmente o emagrecimento. De uma maneira geral a questão estética, apesar de muito propagada pela mídia não foi a principal preocupação dos capoeiristas dos grupos, e sim a busca pelo melhor aprendizado dos movimentos e técnicas na capoeira.

Deixo a recomendação de um estudo mais aprofundado com os grupos de capoeira, que tem ainda muito a ensinar com seus saberes corporais. E com toda certeza o tempo que estive com eles não me permitiu esgotar.

Em particular pude perceber com a pesquisa o quanto a capoeira possui um universo vasto e complexo de aspirações pessoais, coletivas, de resistência, de submissão, de estereótipos corporais, de tradições seculares, de significações e ressignificações. O quanto o corpo não é objeto desta prática e sim um importante sujeito. O quanto a capoeira não poderia subsistir sem uma cultura corporal que lhe fosse própria, genuína e brasileira. E que esta cultura corporal e estes saberes corporais não são exclusivos do mestre mais antigo ou do aluno mais novo e sim do corpo que desde sempre fez e faz capoeira.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Camille. *A arte da capoeira*. 6. ed. Goiânia: Kelps, 1999.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. *Reflexões sobre a cultura corporal*. comunicação apresentada na mesa redonda Cultura e Educação Física do congresso cultura corporal, realizado no SESC Vila Mariana e promovido pelo SESC e CBCE, no período de 18 e 19/11/2006.

ANCHIETA, José. *Ginástica afro-aeróbica*. Rio de Janeiro: Shape, 1995.

AREIAS, Almir das. *O que é capoeira*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros Passos)

BARBIERI, Cesar. *Um jeito brasileiro de aprender a ser*. Brasília: DEFER, Centro de informação e Documentação sobre a Capoeira (CIDOCA/DF), 1993.

BARBOSA, Maria José Somerlate. Capoeira: a gramática do corpo e a dança das palavras. doi:10.3368/lbr.42.1.78 - *Luso-Brazilian Rev.* June 1, vol. 42 no.1 - 78-98, 2005. Disponível em: <<http://lbr.uwpress.org/content/42/1/78.short>> Acesso em: 06 abr 2012.

BRASIL. Congresso. Senado. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. *Promulga o Código Penal*. Senado Federal - Subsecretaria de Informações, Brasília, 1890.

_____. Ministério da Educação e Desportos. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BOTO, Carlota. Na Revolução Francesa, os princípios democráticos da escola pública, laica e gratuita: o Relatório de Condorcet. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 84, p. 735-762, setembro 2003. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 28 mai. 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Coord). *Usos e abusos da história oral*. 6 ed. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2005.

BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Capinas, SP: Papirus, 2000.

CARVALHO, Jairo. Princesa Isabel e a ideologia do branqueamento : Zumbi dos Palmares e o Movimento Negro. Ano I - Nº 02 - Bimensal - PR, Maringá Revista Urutágua, Julho de 2001. Disponível em: <<http://www.urutagua.uem.br//02jairo.htm>> Acesso em 25 mar 2012.

CASCÃO, Darcy Junior. *IÊ camará*. Governador Valadares, Minas Gerais: Gráf. Arco íris, 2010.

CASTRO, Waldyr Lins de. A fundamentação positivista da pesquisa em Educação Física como um dos instrumentos de dominação da ditadura militar iniciada em 64. *Novo Enfoque Revista Eletrônica*, vol. 2. nº. 2. agosto, 2005. Disponível em: <<http://sisweb.castelobranco.br/pesquisa/vol2/?link=fundamentacao.php&tipo=revista>> Acesso em: 26 mar. 2010.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: pequeno manual do jogador*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

COSTA, Adélia Kevalt. A Prática da capoeira nas escolas especiais da Rede Municipal de ensino de Porto Alegre, Rio Grande Do Sul. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.

CROVADOR, Maria Fernanda Coltro. Influência da atividade física na percepção da imagem corporal de idosos institucionalizados e não institucionalizados da cidade de Irati. Buenos Aires, ARG. Vol 16. Nº 157. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Junio de 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd157/percepcao-da-imagem-corporal-de-idosos.htm>> Acesso em: 07 abr. 2012.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. 11. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação Física na escola: questões e reflexões*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DESCARTES, René. *Discurso do Método* (1637). trad. Enrico Corvisieri. Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Disponível em: <<http://br.egroups.com/group/acropolis/>> Acesso em: 27 mar. 2010.

D'OLIVEIRA, Vanessa; PEREIRA, Leticia. *Grupo de Capoeira Porto da Barra: mulheres do porto*. Disponível em: <<http://www.leticiadesign.com/regional.html>> Acesso em: 24 mai. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Isto não é um Cachimbo*. (1973). tradução de Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

G1. Polícia abre inquérito para investigar intolerância religiosa em sala de aula. *G1: globo.com*, Rio de Janeiro, p. 1-1. 27 jan. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL974290-5606,00-POLICIA+ABRE+INQUERITO+PARA+INVESTIGAR+INTOLERANCIA+RELIGIOSA+EM+SALA+DE+AU.html>>. Acesso em: 28 jul. 2009.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação brasileira*. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

IBGE. *Censo Demográfico 2000*. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtml>>. Acesso em: 28 jul. 2009.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica no esporte*. 6. ed. Ijuí, Ed. Unijuí, 2004.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord). *Usos e Abusos da História Oral*. 6 Ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

LOPES, André Luiz Lacé. *A Capoeiragem no Rio de Janeiro, primeiro ensaio Sinhozinho e Rudolf Hermann*. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2002.

LOPES, N. *O negro no Rio de Janeiro e a sua tradição musical*. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

MAGALHÃES, Janayna Rocha. As origens da capoeira no brasil. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*. v.1. n.1. set. 2009.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDEMBERG, Mirian (org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007

MARINHO, Vitor. *Consenso e conflito, educação física brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. *Instituto nacional de educação de surdos (INES)*. UERJ, 2001. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%20Monica.htm> Acesso em 27 mar. 2011.

MELLO, André da Silva. *A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal*. In: VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança., 2002/ Ponta Grossa/PR. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. Ponta Grossa/PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

MELLO, Diego Fernandes de; SILVA, Marcelo Moraes e. A capoeira no contexto do estado novo: civilização ou barbárie? *Movimento & Percepção*, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 9, n. 13, Jul./Dez. 2008.

MEDINA, João Paulo Subirá. *O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo*. 10. ed. São Paulo: Papyrus, 2005.

MOREIRA, Jorge Felipe Fonseca. *Da navalha ao berimbau: a malandragem no imaginário da capoeira carioca*. 2011. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2011.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. *A cor da escola: imagens da Primeira República*. Cuibá, Mt: Entrelinhas/EdUFMT, 2008.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

MWEWA, Muleka; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo em manifestação cultural afro-brasileira: o jogo de capoeira no contexto da indústria cultural. *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais Coimbra*, 16, 17 e 18 de setembro de 2004.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires De. "Bando de marginais": os capoeiras no livro didático *História e civilização*. *Revista História Hoje*, São Paulo, Nº 2, 2003.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *O que é educação física*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAIVA, Inete Porpino de. *A capoeira e os mestres*. (Doutorado) Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2007.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

PROGRAMA DE POLÍTICA DE COR. *Universidades com Ações Afirmativas*. Laboratório de Políticas Públicas / UERJ, Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <<http://www.politicasdacor.net/>> Acesso em: 27 fev. 2010.

RANGEL, Irene Conceição de Andrade; et al. Os Objetivos da Educação Física na Escola. In: SABINO, Cesar. *Anabolizantes: Drogas de Apolo*. In: GOLDEMBERG, Mirian (org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007

ROCHA, José Geraldo da. De preto à afrodescendente: implicações terminológicas. XIV Congresso Nacional de Linguística e Filosofia. Instituto de Letras da UERJ. Cadernos do CNLF, v. XIX, nº. 2, t. 1, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/899-907.pdf> Acesso em: 27 mar. 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Um discurso sobre as Ciências*. 7. ed. Portugal, R. Costa Cabral, 859, Porto: Edições Afrontamento, 1995.

SANTOS, João Marcus Perelli dos. *Contribuição da Capoeira para a Identidade Cultural Brasileira*. (Mestrado) Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco. Programa de Pós-graduação Strictu-Sensu em Ciência da Motricidade Humana, Dezembro de 2002.

SENA, Mestre. Continuaremos lutando para que a capoeira seja adotada como nossa representante cultural. Publicado originalmente no jornal APM, em outubro de 1984. In: ABREU, Frede; CASTRO, Maurício Barros de (org.). *Capoeira*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

SILVA, Eusébio Lôbo da. *O corpo na capoeira*, v.1. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008a.

_____. *O corpo na capoeira*, v.2. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008b.

_____. *O corpo na capoeira*, v.3. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008c.

SILVA, José Milton Ferreira da. *A Linguagem do Corpo na Capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

SOARES, Carmem Lúcia; et al (Coletivo de Autores). *Metodologia de Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

VASSALO, Simone Pondé. Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira "autêntica". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 32, 2003.

YAHN, Carla Alves de Carvalho. Um canto de luta e liberdade na capoeira angola. In: COLÓQUIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, 2., 2010, São Paulo (SP). *Anais ...Assis 26-28 maio 2010*. Assis, SP : Universidade Estadual Paulista, 2010.